

Nírive Fonseca Machado

***Do Matadouro ao Nascedouro:
a criação de novos espaços de participação juvenil***

Universidade Federal de Pernambuco

Recife, julho de 2003

Universidade Federal de Pernambuco
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

***Do Matadouro ao Nascedouro:
a criação de novos espaços de participação juvenil***

Nínive Fonseca Machado

*Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Sociologia como requisito para a
obtenção do título de Mestre, sob a
orientação da Professora Dra. Josefa
Salette Barbosa Cavalcanti.*

Recife, junho de 2003

*Dedico este trabalho a Rogério
pela paciência, apoio e estímulo.*

AGRADECIMENTOS

À professora Josefa Salete Barbosa Cavalcanti pela dedicação na orientação deste trabalho;

Aos amigos e familiares que ajudaram e apoiaram durante todo o processo de pesquisa, escrita, revisão ortográfica e impressão;

À CAPES pelo apoio dado através da bolsa concedida durante o curso de Mestrado;

A Orlando Nascimento, pela generosidade, disposição e atenção sempre dispensadas;

A Glória, Gilson e Mônica, por terem me recebido de braços abertos e permitido que eu conhecesse um pouco mais sobre o dia-a-dia de suas ações;

A todos os jovens entrevistados por sua paciência e atenção, que sem eles este trabalho não teria sido realizado.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar como se dá a criação e utilização de novos espaços de participação juvenil. Para tanto foi realizado um estudo de caso, tendo como foco dois grupos juvenis localizados no bairro de Peixinhos, na cidade de Olinda – PE. A partir da identificação de vários elementos presentes na literatura atual sobre grupos juvenis, percebeu-se que a ‘cultura’ tem representado um importante elemento catalisador das ações juvenis atuais no Brasil. Além disso, o caráter difuso, localizado e de curta abrangência das novas ações dificultam a identificação de um discurso único dos jovens de hoje. Como resultado dessa percepção, a juventude hoje é definida no plural. Em relação ao caso investigado, identificou-se que após a ação desses grupos em ocupar um prédio público localizado no bairro, eles conseguiram chamar a atenção das autoridades políticas, que passaram a adotar algumas ações no local. Estes jovens, que antes eram discriminados dentro da própria comunidade, passaram a ser reconhecidos e respeitados como resultado das ações que desenvolvem. Como principal consequência de suas ações, segundo afirmam os próprios entrevistados, ocorreu uma mudança na imagem do bairro. Antes identificado como um lugar ‘perigoso’, ‘violento’, e hoje conhecido por sua diversidade cultural

ABSTRACT

This work aims to analyze how the spaces for young participation are created and utilized. For doing so, it was carried out a case study based on two young groups from Peixinhos, a district in the city of Olinda – PE. By identifying several elements in the recent literature on young groups, it was possible to perceive that the ‘culture’ has represented an important binding factor for the recent young actions in Brazil. Besides, those new actions have some characteristics that make it difficult to identify a unified discourse for the youth today. Those actions are more diffused, local-based and short ranged. Because of this fact, the youth today is defined in the plural. Regarding the case analyzed here, it was identified that the actions of these groups in occupying a public building in the neighborhood resulted in more attention from the political authorities, which adopted some improvement measures for the community. These young groups, who were discriminated for their own community before, achieved respect and acknowledgment through the action they develop. As the main consequence of those actions, according to the interviewees, it occurred an important change in the neighborhood’s image. In the past it was known as a ‘dangerous’ and ‘violent’ place and today it is known for its cultural diversity.

Sumário

LISTA DE SIGLAS

LISTA DE FOTOS

Introdução ----- 11

Capítulo I

Juventude no Plural

- 1.1. Juventude: um conceito em discussão ----- 14
- 1.2. De que jovens estamos falando? ----- 20

Capítulo II

Estratégias Metodológicas

- 2.1. A escolha dos grupos ----- 27
- 2.2. Fontes Documentais ----- 30
- 2.3. Observação direta----- 31
- 2.4- Entrevistas ----- 35

Capítulo III

O bairro, usos do espaço e formas de participação

- 3.1. O bairro de Peixinhos ----- 39
- 3.2. Do Matadouro ao Nascedouro de Cultura
 - 3.2.1. A iniciativa popular ----- 44
 - 3.2.2. A contrapartida do Governo ----- 49
- 3.3. Conflito e Negociação na ocupação da área (Nascedouro) ----- 53

Capítulo IV

Os novos grupos no Nascedouro da Cultura

4.1. Balé Afro Majê Molê -----	59
4.1.1. Apresentações e Manutenção do grupo -----	65
4.1.2. Alternativas de Lazer -----	73
4.2. O Movimento Cultural Boca do Lixo -----	81
4.2.1. Por que o Matadouro? -----	85
4.3. Biblioteca Multicultural Nascedouro -----	88
4.3.1. A construção de redes sociais -----	92

Capítulo V

Da conquista do espaço público à conquista da mídia: um novo modelo de participação juvenil

5.1. Do preconceito ao reconhecimento -----	100
5.2. Da página policial à página cultural: reflexões sobre a mídia e a construção da imagem social do bairro -----	107

Conclusão -----	117
-----------------	-----

Bibliografia -----	122
--------------------	-----

Anexos -----	125
--------------	-----

LISTA DE SIGLAS

BMN – Biblioteca Multicultural Nascedouro

BNDES - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

CCLF (ONG) – Centro de Cultura Luiz Freire

CSU – Centro Social Urbano

*FASE – NE (ONG) - Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional
- Nordeste*

FIDEM - Fundação de Desenvolvimento Municipal

GESTOS (ONG) – Soropositividade, Comunicação e Gênero

GTZ – Órgão do Governo Alemão voltado para a cooperação internacional

POMMAR – Prevenção Orientada aos Meninos e Meninas em Risco

RMR – Região Metropolitana do Recife

RPA – Região Político-Administrativa

MCBL – Movimento Cultural Boca do Lixo

UBV (ONG) – Cooperação Técnica Sueca

URB - Empresa de Urbanização do Recife

UNICEF – United Nations Children’s Fund

LISTA DE FOTOS

- Foto nº 1 – *Imagem antiga da entrada do Matadouro Industrial de Olinda, p.39;*
- Foto nº 2 – *Visão atual da face interna da Torre do Relógio, p.45;*
- Foto nº 3 – *Visão interna de um dos galpões (atualmente), p.45;*
- Foto nº 4 – *Planta Baixa do complexo arquitetônico do antigo Matadouro. Destaque para os prédios atualmente utilizados, p.49;*
- Foto nº 5 – *Visão da fachada do Bloco G, atualmente principal prédio em atividade, onde localizam-se as sedes dos grupos investigados, p.50;*
- Foto nº 6 – *Balé Afro Majê Molê, p.59.*

INTRODUÇÃO

O jovem enquanto ator social, capaz de formular criticamente seu papel no mundo; a juventude – enquanto uma etapa da vida onde o risco é permitido e a reversibilidade dos projetos é tolerada – percebida como um elemento impulsionador de legítimas transformações sociais. Para muitos, estas afirmações pertencem a um momento de nossa história que se esvaneceu, uma época que se foi sem deixar rastros. A juventude teria perdido seu potencial transformador e crítico em favor de uma emergente ‘cultura do consumo’ – que teria embotado sua capacidade de gerar modelos alternativos de vida ou de ação política – ou do poder de uma ‘revolução tecnológica’ – com o aumento vertiginoso da velocidade e do tamanho do fluxo de informações que constantemente apresentam seu apelo e reivindicam atenção – que teriam gerado tamanha perplexidade que as únicas respostas possíveis seriam o espanto e uma conseqüente apatia frente ao mundo.

No entanto, algumas vozes começam a argumentar que o que realmente se perdeu no passado não foi a capacidade do jovem em apresentar respostas aos problemas de seu tempo, e sim um ‘modelo de participação’, que devido à sua importância na história política e social do país teria configurado também à própria idéia que fazemos do que ‘é’ a juventude brasileira, e a partir deste modelo teríamos passado a buscar nas gerações atuais algo que não faz parte de sua realidade.

Assumindo, a princípio, este argumento como um ponto de partida plausível, este trabalho tem como objetivo mais geral, compreender como se dá a criação de novos espaços de participação juvenil nos dias de hoje. Tentou-se abordar o tema com base na

investigação de grupos juvenis localizados num bairro de periferia da cidade de Olinda – PE. O bairro (Peixinhos) enfrenta todos os problemas que hoje afligem as áreas de periferia urbana das grandes cidades brasileiras: criminalidade, carência de serviços públicos, falta de uma estrutura urbana adequada, superpopulação, etc. Esta dura realidade se impõe pela sua crueza, de tal forma que o estudo, fundamentalmente concentrado na área da sociologia da juventude, precisa levar em conta estes e outros elementos enquanto partes constitutivas do cotidiano destes jovens.

O primeiro capítulo discute o conceito de ‘juventude’, considerando a história da constituição deste como um campo dentro do pensamento social contemporâneo, e analisando algumas das contribuições mais relevantes encontradas no debate atual sobre o tema. Ainda neste capítulo, é feita uma breve exposição de como o assunto vem sendo pesquisado no Brasil nas últimas décadas.

O Capítulo II descreve os caminhos seguidos durante a pesquisa realizada com os grupos juvenis no bairro de Peixinhos – Olinda – PE, e justifica a abordagem metodológica. Serão discutidas as estratégias de aproximação da realidade e as técnicas utilizadas para a coleta dos dados, e as dificuldades encontradas no trabalho de campo.

O terceiro capítulo apresenta o bairro como área de estudo, as suas características, configuração física e demográfica, bem como aspectos de sua história. Igualmente, delimita o local que serviu de palco para a ação e expressão dos grupos juvenis na comunidade (o Antigo Matadouro Industrial de Olinda) e os aspectos de conflito e negociação presentes no processo de ocupação desse local.

O Capítulo IV desenvolve uma descrição dos grupos investigados, da sua história e situação atual, na busca e nos usos dos recursos necessários ao desenvolvimento das

atividades diárias e do relacionamento com outros grupos e instituições. E ainda, discute aspectos ligados ao lazer dos jovens, dentro e fora do bairro, e identifica a constituição de redes sociais que funcionam como estratégias para o fortalecimento de suas ações.

O Capítulo V analisa as relações estabelecidas entre os jovens e a comunidade onde eles desenvolvem suas ações, enfatizando a superação de preconceitos e a conquista do reconhecimento. O capítulo aborda ainda o discurso dos jovens em relação à importância de suas ações para as mudanças que ocorreram no bairro, tendo como elemento balizador as mensagens veiculadas nos meios de comunicação, e concluindo que a ação destes grupos teria contribuído para a criação de um novo espaço de participação na vida da comunidade, ajudando inclusive a transformar a imagem socialmente construída do bairro.

CAPÍTULO I

JUVENTUDE NO PLURAL

1.1. Juventude: um conceito em discussão

O conceito de ‘juventude’, enquanto categoria analítica, parece desafiar o exercício teórico em diversas áreas das Ciências Humanas, como a psicologia, a história, a antropologia e a sociologia. Trata-se de um conceito ‘esquivo’, onde residem apelos tanto de ordem biológica (ou simplesmente etária) quanto cultural ou social.

Existem diversas tentativas de resgatar os sentidos que as diferentes sociedades têm atribuído à juventude ao longo da história. O melhor exemplo deste tipo de estudo é o já clássico trabalho de Philippe Ariés (1981), intitulado *História Social da Criança e da família*. Nele, o autor traça um amplo panorama histórico que permite identificar a idéia de juventude como um fenômeno social e histórico, datado portanto, cuja construção é inseparável do próprio processo de constituição da modernidade. Esta obra clássica contribuiu para que a categoria ‘juventude’, embora ancorada em elementos bio-psíquicos, passasse a ser considerada um fenômeno social, e utilizada para expressar ‘uma fase’ distinta entre a ‘infância’ e a ‘idade adulta’.

Ao longo da história do conceito de juventude no pensamento social [como é o caso do próprio trabalho de Ariés] parece que constantemente tem sido buscada uma definição clara acerca da temporalidade e das características distintivas desta ‘etapa da

vida'. Desta forma, a própria noção de uma etapa 'entre a infância e o mundo adulto' constitui um passo nesse sentido.

Também surgiram, e às vezes ainda persistem, tentativas de conceitualizar juventude meramente com base na noção de uma 'idade biológica'. Essa 'naturalização' de uma noção antes de tudo 'histórica' (diria Ariés), dificultou por muito tempo o entendimento mais integral do fenômeno da 'juventude'. Assim, em certa medida, pode-se considerar que os esforços engendrados pela Sociologia, ao abordar a juventude enquanto uma categoria social, constituem tentativas de *desengessar* um conceito que teria se tornado demasiado estático por uma categorização meramente biológica.

No entanto, apesar de ser possível identificar este aspecto geral da abordagem sociológica, não se pode considerar todo estudo no interior dessa disciplina como compartilhando uma única noção de juventude. Pelo contrário, ao reconhecer (e defender) o conceito enquanto uma construção social, a sociologia abriu um amplo espaço de discussão acerca do que viria a ser este fenômeno.

A partir da fundação do campo de estudos que posteriormente passou a ser identificado enquanto uma 'sociologia urbana', a 'Escola de Chicago', desde o início do século XX, parece ter representado um dos primeiros esforços da sociologia em tematizar a juventude. Os autores de Chicago deram os primeiros passos para a abordagem da juventude enquanto uma categoria chave para compreender uma grande variedade de outros fenômenos sociais (Zaluar, 1997). Ao mesmo tempo em que contribuiu para colocar a 'juventude' em foco nas análises sociológicas, a Escola de Chicago, juntamente com o desenvolvimento e a posterior predominância das teorias funcionalistas na

sociologia americana, contribuiu também para a difusão de idéia de ‘jovem’ enquanto centro de crises sociais. A análise de temas como violência urbana, delinquência, crime, gangues, entre outros, sempre colocavam o ‘jovem’ enquanto protagonista destes problemas¹ (Abramo, 1997; Peralva, 1997). Como críticas à visão do jovem enquanto ‘problema’, na próxima seção serão mencionados alguns trabalhos recentes que buscam ‘desmistificar’ esta noção.

Um outro ponto bastante discutido por diversos autores, é o caráter de transitoriedade da juventude. Esta etapa da vida é marcada por conflitos e crises, que muito se devem à dificuldade de delimitação das fronteiras entre o mundo adulto e a infância. Esta é uma fase onde algumas conquistas são alcançadas, como uma maior liberdade e autonomia, por exemplo, mas não de forma plena. O jovem parece transitar entre dois mundos: o infantil, caracterizado por um controle total dos adultos; e o adulto, onde a independência e a autonomia já são instituídos e legitimados.

Se por um lado os jovens conseguem romper com alguns preceitos do mundo infantil, por outro, não possuem autonomia suficiente para pertencer ao mundo adulto.

Como ressalta Abramo:

“A juventude é o estágio que antecede a entrada na “vida social plena” e que, como situação de passagem, compõe uma condição de relatividade: de direitos e deveres, de responsabilidades e independência, mais amplos do que os da criança e não tão completos quanto os do adulto”. (Abramo, 1994:11).

¹ A noção do ‘jovem problema’ passou a ser alvo de diversas críticas, presentes em boa parte da literatura recente sobre juventude. No Brasil, a crítica mais contundente à essa noção do ‘jovem enquanto problema’ é feita por Abramo (1994 e 1997), que identifica temas como delinquência juvenil, transgressão (moral, política e cultural), crime, gravidez precoce, violência, etc., como assuntos constantes na pauta da discussão que envolve o jovem.

Ainda ressaltando o caráter de *transitoriedade*, Melucci (1997) também chama atenção para o fato de um ‘descolamento’ da juventude de sua condição biológica, retomando um tema já anteriormente apontado nesta seção. Segundo o autor, nas contemporâneas, a juventude tem se estendido muito além dos aspectos puramente etários, para alcançar também uma definição cultural. Enquanto conceito cultural, a ‘juventude’ se liga a noções como mobilidade, incerteza, transitoriedade, abertura para o novo, todos os atributos da juventude enquanto fase de transição. Deslocando-se de seu sentido puramente biológico, o conceito passa a abarcar aspectos culturais de “amplo significado”. E assim, como argumenta o próprio autor, a juventude “*parece estender-se acima das definições em termos de idade e começa a coincidir com a suspensão de um compromisso estável, com um tipo de aproximação nômade em relação ao tempo, espaço e cultura.*” (Melucci, 1997:1.9)

Com essa afirmação, o autor apresenta um outro forte elemento contido nas noções de juventude hoje trabalhadas no âmbito das Ciências Humanas. Qual seja, a noção de que a ‘juventude’ compreende uma etapa da vida no qual o indivíduo é brindado pela sociedade com um período de “tolerância”, no qual se é permitido errar, tentar, rever projetos, se preparar para uma etapa posterior da vida, e onde as responsabilidades do mundo adulto são adiadas. Esta noção constitui o conceito de “moratória social” (Margulis & Urresti, 2000).

Tentando devolver o caráter de *facticidade* que teria se perdido nas noções recentes de juventude, Margulis & Urresti (2000) defendem a existência do conceito de “moratória vital”, enquanto complementar à idéia de “moratória social”. Para os autores, a concepção de juventude enquanto um período de permissividade (moratória social) está

presente em grande parte das abordagens recentes sobre o tema. No entanto, argumentam, é necessário complementar esta noção com um conceito que dê conta não apenas dos elementos culturais que compõem a idéia de juventude, mas que abarque a sua temporalidade própria, o que eles irão identificar como o “núcleo duro” da idéia de juventude. Se a “moratória social” corresponde a essa possibilidade de adiamento das responsabilidades da idade adulta, a “moratória vital” corresponde a um “crédito temporal excedente” que a vida oferece ao indivíduo jovem. A distância da morte e da velhice constitui o aspecto mais visível deste crédito temporal. A noção diz respeito a um “capital energético” do próprio corpo, seu estoque de forças, sua resistência ao esforço. No entanto, a separação entre estes dois aspectos da ‘juventude’ só pode ser feita no nível analítico, já que na realidade cotidiana eles estão intrinsecamente ligados, influenciando-se mutuamente.

Ao defenderem a inseparabilidade entre uma “moratória social” e uma “moratória vital”, Margulis & Urresti argumentam também que, apesar da possibilidade de identificar o “núcleo duro” do conceito de ‘juventude’, seu elemento mais *factual*, é a partir das clivagens que operam no nível sociocultural que ‘deve-se’ definir ‘juventude’ no plural. Ou seja, embora exista uma base comum para definir esta etapa da vida, em termos de um capital temporal excedente, que existe independentemente das condições socioculturais, por outro lado, é a partir das diferenças neste plano que deve-se compreender as várias ‘juventudes’. Neste sentido, dependendo dos aspectos socioculturais, o próprio ‘crédito temporal’, a distância que separa o jovem da morte, pode sequer chegar a se cumprir. Ou seja, a ‘juventude’ tem um elemento temporal, cuja base é fundada numa economia do próprio corpo, mas nunca a ‘juventude’ pode ser entendida apenas enquanto tal. É

necessário incorporar elementos como, classe, gênero, configurações institucionais (principalmente familiar), e geração. Nas palavras dos próprios autores:

“(...) a juventude é uma condição que se articula social e culturalmente em função da idade – como crédito energético e moratória vital, ou como distância da morte –, com a geração a que pertence – enquanto memória social incorporada, experiência de vida diferencial –, com a classe social de origem – como moratória social e período de retardo –, com o gênero – segundo as urgências temporais que pesam sobre o homem ou a mulher –, e com a configuração da família – que é o marco institucional em que todas as outras variáveis se articulam.” (Margulis & Urresti, 2000: 29)

Os autores articulam esta teorização acerca dos elementos que compõem a idéia de juventude como forma de mostrar as fraquezas das teorias que, por um lado a definem enquanto categoria puramente estatística – nivelando todas as ‘juventudes’ simplesmente a partir do elemento etário – ou as teorias culturalistas sobre o tema, que ao tentarem enfatizar a particularidade de cada situação sociocultural, acabariam caindo num relativismo extremado e perdendo uma visão abrangente e integral sobre o fenômeno. Segundo os autores, a vantagem em diferenciar os elementos socioculturais do conceito de juventude de sua base *factual* estaria justamente em poder perceber a diversidade de vivências que resulta das clivagens no nível sociocultural, sem perder de vista as características mais gerais da juventude enquanto uma ‘etapa da vida’.

A teorização de Margulis & Urresti recentemente vem servindo como inspiração para alguns estudos bastante interessantes sobre juventude, onde elementos como classe, gênero, família, entre outros, são [às vezes] enfocados separadamente sem, no entanto, perder de vista as relações possíveis entre os outros elementos que se articulam para definir as diferentes vivências dessa etapa da vida.

De uma maneira ou de outra, a perspectiva teórica apresentada por estes autores, acaba por revelar importantes aspectos do conceito de ‘juventude’ que podem abrir uma diversidade de trilhas para a abordagem e compreensão de uma noção tão esquiva quanto é a idéia de ‘juventude’. Além disso, e talvez ainda mais importante, é o fato de que os autores enfatizam a necessidade de conceber o conceito no plural, enquanto “juventudes”, para entender a pluralidade de expressões com que o jovem se ‘apresenta no mundo’ hoje, consistindo portanto numa visão mais adequada do que um conceito unificador e homogeneizante.

Aspectos sobre o caráter idealizado com que certas teorias apresentaram a juventude no passado, bem como a tentativa de dar conta da pluralidade (ou mesmo fragmentação) das expressões juvenis do momento atual, são discutidos na seção seguinte, quando são comentadas algumas das principais tendências dos estudos sobre juventude no Brasil.

1.2. De que jovens estamos falando?

Esta seção do trabalho tem como objetivo a realização de um breve balanço sobre algumas abordagens referentes ao tema da juventude no Brasil. A intenção é apenas destacar algumas das principais tendências que podem ser observadas ao longo dos últimos anos.

Como já foi mencionado na seção anterior, grande parte das discussões (tanto no âmbito acadêmico, quanto através dos meios de comunicação) que envolvem o público

juvenil, parece desenvolver-se no campo da “juventude problema”. Ou seja, o jovem sendo retratado como principal responsável por vários problemas sociais: crime, vandalismo, prostituição, formação de gangues, drogas, etc. Porém, um outro tema tem também chamado a atenção de muitos pesquisadores sociais. É o que se refere à ‘participação política juvenil’. Ao que tudo indica, a ênfase nesse tema aparece quando pesquisadores passam a analisar as manifestações juvenis que marcaram a história do país, por suas demonstrações de insatisfação com o regime militar vigente entre as décadas de 60 e 70. É nesse sentido que parte dos estudos realizados durante este período quase sempre retratou o jovem antes de tudo a partir de sua condição de militante, ou mesmo revolucionária. É o caso do livro de Foracchi (1972) *A Juventude na Sociedade Moderna*, onde a autora terá como foco de análise o Movimento Estudantil Universitário; o livro de Ianni (1968) intitulado *O Jovem Radical*; o ensaio de Martins (1979) *A Geração AI-5*, entre outros. Todos refletindo sobre assuntos que giram em torno do tema ‘participação política contestatária’.

A partir destes trabalhos clássicos, os estudos que se seguiram tenderam a enfatizar e comparar as manifestações juvenis desta época (60 e 70) com as manifestações das décadas de 80 e 90, cabendo ao primeiro período um retrato ‘ideal’ do que viria a ser considerado uma juventude reflexiva, utópica. Enquanto o segundo período (décadas de 80 e 90) seria marcado por ‘passividade’, ‘apatia’, ‘desilusão’ ou incapacidade de formular ideais transformadores. A cobrança por uma juventude ativa, contestatária, revolucionária, parece assim estar baseada na construção de um ‘modelo ideal’ de juventude, retratado nos estudos sobre as manifestações juvenis das décadas de 60 e 70. (Abramo, 1994).

Este tipo de análise citada acima, parece deixar de considerar aspectos importantes da realidade atual no que diz respeito à juventude, limitando-se a analisar o presente com base em categorias que, embora tenham sido importantes para compreender um determinado período – bem como determinadas formas de manifestação coletiva –, parecem inapropriadas para compreender a realidade do jovem de hoje.

Como um primeiro exemplo dos elementos dessa nova realidade, é que, ao se falar em jovens não se pode deixar de considerar hoje o peso que tem o que se convencionou chamar de uma “cultura do consumo”. Num mundo onde as transformações parecem ser cada vez mais frenéticas e imprevisíveis, onde as novas tecnologias de informação desempenham papel fundamental na aproximação de indivíduos localizados nas mais diferentes culturas, países, com as mais diferentes línguas, hábitos, assistimos o enfraquecimento de antigos ideais de ação coletiva e de ideologias libertadoras. Com a aceleração do tempo das transformações sociais, o encurtamento das distâncias, proporcionado por novas formas de comunicação, assiste-se à emergência de grandes mercados, que chegam a extrapolar os limites de uma nação ou de uma região, calcados na criação de poderosas marcas, com a exploração máxima do poder da imagem. (Canclini, 1999)

No contexto atual, num ambiente de profundas transformações, tantas vezes ambíguas, os jovens de hoje muitas vezes passam a ser vistos como “individualistas”, “apáticos”, “alienados”, “despolitizados”, consumistas antes de tudo. Um exemplo dessa visão sobre o jovem de hoje pode ser observada na análise apresentada por uma agência de publicidade a respeito de uma pesquisa realizada em 1991. Segundo esta agência, “*em contraste com seus pais, que queriam mudar o mundo, a próxima geração está mais*

interessada em melhorar a própria vida... Os jovens de hoje não se interessam por qualquer tipo de manifestação social. Vivem para resolver seus projetos pessoais.” (Mische, 1997: 135).

Como forma de se contrapor a uma visão estereotipada do jovem dos dias de hoje, grande parte dos estudos atuais busca explicar esta suposta ‘falta de engajamento’ (ou ‘apatia’) pela perda da credibilidade, característica dos anos recentes, das instâncias políticas tradicionais. Sendo assim, ao invés de colocar o foco numa certa ‘falta de atitude’ da juventude atual frente aos problemas sociais de seu tempo, estes estudos tentam perceber também como as transformações num plano mais geral afetam a própria maneira como o jovem se apresenta no mundo. Como ressalta Muxel (1997:153), a respeito da perda de credibilidade da política institucional:

“A evocação da palavra ‘política’ suscita, antes de qualquer outra perspectiva, imagens negativas. A rejeição da política, como se pode ver diariamente, é vivamente expressa, os desvios dos homens e das instituições são denunciados com a mesma força de convicção, tanto pelos estudantes como pelos assalariados, pelos jovens, sejam eles diplomados ou não, de direita, de esquerda ou sem orientação política definida. (...) A crise de representação política se impõe pelo caráter evidente.”

Ao enfatizarem a crise dos meios políticos institucionalizados, o que muitos estudos tentam ressaltar é, principalmente, uma aparente falta (ou perda) de espaços para a participação do jovem enquanto ator social. Ou seja, uma vez que as instituições que antes serviram como eixos aglutinadores da ação do jovem na sociedade, como entidades estudantis, grêmios, partidos políticos, sindicatos, etc., perdem seu poder de mobilização, o jovem inicialmente parece ser arremessado num ‘vazio’ institucional no que diz respeito aos canais através dos quais ele poderia agir na sociedade. Por exemplo, Mische (1997) comenta a falta de instituições centralizadoras para a formação da identidade do jovem –

como foram as entidades estudantis no passado. Já Abramo (1997), ressalta a incapacidade das instituições políticas atuais em incorporar os temas levantados pelos próprios jovens. Ao invés disso, esses meios institucionais parecem continuar apenas se preocupando com a renovação de seus quadros sem, no entanto, renovar ‘suas políticas’.

Junto com a constatação da ‘perda’ dos canais pelos quais os jovens costumavam agir na sociedade, a maior parte dos estudos recentes representa um esforço em identificar quais os ‘novos espaços’ para a participação juvenil.

Um primeiro aspecto relacionado às novas formas de participação juvenil é o seu caráter difuso, fragmentado. Ao invés de aglutinar-se em torno de grandes ideologias mobilizadoras, ou instituições centralizadoras, essa ‘nova participação juvenil’ parece se constituir a partir de redes mais dispersas, que se articulam nas mais diferentes esferas, nas escolas, nos bairros e nas ruas, nos shopping centers e em outros lugares de lazer, constituindo novos espaços de sociabilidade.

Nos novos espaços pelos quais os jovens buscam agir na sociedade, a cultura (ou as ‘manifestações culturais’) passa a ser o principal elemento motivador. A utilização de linguagens alternativas para expressar seus anseios aponta tanto para uma tentativa de ‘inovação estética’, quanto para uma busca pela criação de canais próprios para expressar suas ‘vozes’, seus ‘discursos’.

Como argumenta Margulis (2000):

“Os jovens manifestam, com mais intensidade e variedade que outras gerações, as mudanças culturais, e é no plano da cultura, antes que no da política ou da economia, que se evidenciam as novas modalidades que assume a juventude atual.” (p.10).

Assim, de um modo geral, a grande maioria dos estudos atuais no campo da sociologia da juventude no Brasil tem como foco, buscar identificar os ‘novos espaços’ de participação juvenil e buscar enfatizar a centralidade da ‘cultura’ neste novo contexto. Abramo (1994), estudando os *Punks* e *Darks* na cidade de São Paulo; Vianna (1988), Souto (1997) e Cecchetto (1997) sobre a cultura *funk* no Rio de Janeiro; Arce (1999) sobre o grafite; Herschmann (2000) sobre a relação entre o *funk* e o *hip-hop* no Rio de Janeiro e em São Paulo. De um modo geral estes estudos têm buscado apresentar como os jovens, através de certas manifestações culturais e da criação de canais próprios de expressão, demonstram suas insatisfações, anseios, críticas e propostas. Além disso, mesmo sem o objetivo explícito e imediato de transformar uma realidade existente, ou resolver determinados problemas sociais, essas ações acabam resultando de alguma forma na transformação desta realidade.

Por fim, como um último elemento destas novas modalidades de participação juvenil, destaca-se uma tentativa de livrar a ação política de suas amarras ideológicas, cujo resultado é denunciado antes de tudo enquanto ineficaz ou inefetivo. De acordo com esta postura, a participação agora se dá mais no âmbito de ações pontuais, localizadas, ligadas a interesses específicos de determinados grupos. Como argumenta Muxel (1997), os jovens

“não acreditam na possibilidade de grandes mudanças e medem os limites de eficácia das ações que eles poderiam realizar à sua altura. Eles desenvolvem uma outra visão da mudança social, ao mesmo tempo mais modesta e mais realista, e imaginam a generalização e a multiplicação de pequenas ações, uma ampliação de um engajamento ‘artesanal’, segundo os meios e as vontades de cada um, um avanço por ‘passinhos’”. (p.162)

Talvez por sua abrangência limitada, pelo seu caráter localizado e disperso, nem sempre essas ações ganhem a visibilidade que tinham as grandes mobilizações juvenis que ocorreram nas décadas passadas. No entanto, isto não significa uma falta de atividade, ou uma ausência de atitude frente às questões sociais com as quais estes jovens se deparam nos dias atuais. É com base neste argumento que se identifica o panorama das ações dos grupos juvenis de hoje. E é de acordo com isso que este trabalho busca identificar as ações realizadas por grupos juvenis, localizados num bairro de periferia da Região Metropolitana de Recife, bem como as implicações destas ações na vida dos próprios jovens, na comunidade em que vivem e sua repercussão na esfera pública.

CAPÍTULO II

ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

2.1. A escolha dos grupos

A escolha pelo bairro de Peixinhos e pelos grupos investigados, se deu basicamente por dois motivos. O primeiro se deve ao fato de Peixinhos já ser reconhecido como um dos locais onde têm ocorrido, nos últimos anos, o aparecimento de uma diversidade de grupos que utilizam linguagens juvenis urbanas como expressão de suas ações. Estas linguagens (Hip-Hop, Funk, Grafite, Música Afro, etc.) têm sido objeto de uma série de análises recentes que focalizam outros Estados/Regiões do país. No caso da Região Metropolitana do Recife, juntamente com outras comunidades de baixa renda, como Pina, Alto José do Pinho, entre outros, Peixinhos tem se destacado pela diversidade de grupos ligados a música, dança, teatro, artes plásticas, etc. (Ver anexo I)

Talvez um fator importante para entendermos melhor esta ‘efervescência cultural’ em bairros de baixa renda na RMR, seja o surgimento do que ficou conhecido como “Movimento Mangue”. Este Movimento, que surge no início da década de 90, emerge inicialmente sob a forma de uma série de expressões culturais (bandas de rock, hip-hop, grupos de dança, etc.) dispersas, oriundas das periferias da cidade do Recife, que posteriormente ganharam corpo e força a partir da divulgação na imprensa local de um manifesto, conhecido como *Manifesto Mangue*. Os dois maiores expoentes do ‘movimento’ ficaram sendo as bandas *Chico Science & Nação Zumbi* e *Mundo Livre S/A* (cujo líder é um dos autores do ‘manifesto’). Com a visibilidade do ‘movimento’, estas

duas bandas ganharam expressão nacional, pela sua proposta de fundir elementos da tradição cultural local (maracatu, ciranda, coco) com linguagens (visuais e musicais) contemporâneas de circulação mundial, uma dessas bandas, *Chico Science & Nação Zumbi*, chegou a alcançar certa notoriedade internacional.²

A notoriedade alcançada pelos expoentes do ‘movimento’ contribuiu para a consolidação de alguns grupos e bandas das periferias da cidade que já vinham desenvolvendo suas atividades antes mesmo do surgimento do *Movimento Mangue*, e que só conseguiram maior visibilidade na década de 90, quando a mídia especializada voltou sua atenção para o cenário musical recifense.

Um dos elementos que caracterizam o bairro atualmente é a concentração de artistas das mais variadas áreas na comunidade. De Paula (2000) dedica um capítulo inteiro às principais manifestações culturais que ocorrem no bairro, merecendo destaque a participação juvenil em grande parte desses grupos culturais.

Para a escolha dos grupos, privilegiamos o envolvimento de grupos culturais na ocupação de um prédio abandonado, localizado no próprio bairro de Peixinhos. O prédio faz parte do complexo arquitetônico do Antigo Matadouro Industrial de Olinda, e foi ocupado por grupos da comunidade para o desenvolvimento de atividades culturais, bem como para tentar minimizar problemas ligados à criminalidade, cuja incidência vinha aumentando no local.

Como será visto no próximo capítulo, a ocupação do prédio por esses grupos marcou uma nova fase na organização popular do bairro, já que estes grupos, além de

² Para saber mais sobre o Movimento Mangue e a importância de grupos como *Chico Science & Nação Zumbi* e *Mundo Livre S/A* ver TELES (2000) e NETO (2000).

alcançarem seus objetivos iniciais, também conseguiram chamar a atenção do poder público – atual responsável pela manutenção do espaço.

Foram selecionados dois grupos a serem investigados durante a pesquisa: Balé Afro Majê Molê e os organizadores da Biblioteca Multicultural Nascedouro (BMN). Ambos os grupos não apenas fizeram parte do processo de ocupação do espaço, como também foram os primeiros a se instalarem no local. Através da história desses grupos foi possível compreender o início do processo de ocupação do prédio, bem como identificar quais os grupos participaram dessa ação e se houve alguma resistência por parte do poder público.

O primeiro grupo (Balé Afro Majê Molê), organizado por um casal de moradores do bairro, tem como público alvo de suas atividades, crianças e jovens do sexo feminino, moradoras da comunidade. O segundo grupo (BMN) é formado por jovens da comunidade que pretendem fazer dessa biblioteca um espaço importante para o desenvolvimento de diversas atividades ligadas à cultura. A seleção desses grupos, sendo um organizado por adultos para a participação de jovens, e outro por jovens tendo como público alvo de suas ações principalmente crianças e jovens, foi importante por permitir observar as diferenças entre os discursos analisados e alcançar uma maior diversidade no que se refere a objetivos, expectativas e motivações desses jovens participantes de grupos culturais no bairro. No entanto, apesar da natureza e objetivos distintos dos dois grupos, há elementos comuns que unem os jovens de ambos os grupos. Tanto as diferenças quanto as semelhanças encontradas nos depoimentos destes jovens serão melhor compreendidas nos dois últimos capítulos.

Dessa maneira, duas questões foram levadas em consideração para a seleção dos dois grupos. A primeira se refere à diversidade de grupos juvenis ligados à cultura no bairro de Peixinhos. E a segunda, e ainda mais importante, se deve à participação de alguns desses grupos (como é o caso dos dois escolhidos) na ocupação de um prédio público localizado no bairro. Assim, buscou-se conhecer não só o perfil desses novos grupos juvenis que surgiam no bairro, como também identificar qual a importância (destacada por eles) de suas atividades para a comunidade em que vivem.

2.2. Fontes Documentais

O local escolhido para a realização da pesquisa de campo foi o bairro de Peixinhos, ou mais especificamente, a área que compreende o Antigo Matadouro Industrial de Olinda. Este espaço está inserido num projeto de revitalização dos prédios, coordenado pelo Governo do Estado de Pernambuco e Prefeitura do Recife, com o apoio financeiro do Banco Mundial.

O projeto de *Restauração e Adequação Funcional do Sítio Histórico do Matadouro de Peixinhos* faz parte de um projeto maior intitulado PROMETRÓPOLE, como será melhor esclarecido no terceiro capítulo desse trabalho.

A análise dos projetos acima relacionados – os quais representam os objetivos do poder público para o local – bem como os contatos com os grupos que ocupam o prédio atualmente, foram de grande importância para a compreensão, de forma mais ampla, das expectativas de ambas as esferas, tanto da parte do poder público quanto da comunidade.

Sendo assim, para um melhor entendimento do que são estes projetos, que por sua vez possuem relações diretas com os grupos instalados no local, fez-se necessário acessar dados referentes às seguintes fontes:

- Projeto PROMETRÓPOLE;
- Projeto de Restauração e Adequação Funcional do Sítio Histórico do Matadouro de Peixinhos;
- Relatórios organizados pela FIDEM (Fundação de Desenvolvimento Municipal);
- Matérias publicadas em jornais impressos, bem como divulgadas pela internet.

Dessa maneira – juntamente com as entrevistas realizadas com membros dos grupos e dados da observação direta – o acesso a várias fontes documentais contribuiu para aprofundar o conhecimento da especificidade do local. Além disso, e talvez o mais importante aspecto da análise dessa documentação, é que esta nos permitiu confrontar aquilo que é a visão do Estado sobre a localidade, com o que vem a ser os anseios e objetivos da população local em relação ao futuro do espaço.

2.3. Observação direta

O contato com os grupos selecionados para a pesquisa ocorreu entre janeiro e agosto de 2002, sendo os últimos 4 meses os mais intensos, com idas ao local pelo menos cinco vezes por semana. Para melhor esclarecer as atividades das quais participei durante esse período elas serão apresentadas por grupo investigado.

Biblioteca Multicultural Nasedouro

A biblioteca funciona de segunda à sexta, entre 9:00 da manhã e 5:00 da tarde, e conta com 5 membros, todos jovens moradores da comunidade de Peixinhos. Os participantes (organizadores) se revezam no trabalho, dividindo as atividades por turno, possuindo ao menos duas pessoas em cada período (manhã/tarde). Por várias vezes acompanhei os jovens desenvolvendo suas atividades rotineiras, como cadastrar novos usuários, auxiliar na procura de livros, organizar o acervo, por exemplo. Esse grupo também foi responsável por me apresentar toda a área que compreende o antigo Matadouro, incluindo o galpão utilizado por eles e alguns outros grupos para realização de eventos. Esse primeiro contato com toda a área me permitiu compreender o real tamanho do local.

Outra atividade importante para conhecer melhor o perfil do grupo, foi acompanhá-los nas reuniões organizadas semanalmente pela FIDEM, que têm como objetivo discutir com os grupos da comunidade assuntos ligados ao projeto de Revitalização do Matadouro. Com isso, pude perceber a participação ativa dos membros da Biblioteca durante as reuniões, quando estes propunham ações, discutiam com membros de outros grupos alguma proposta. Foi interessante perceber a participação bastante ativa dos jovens junto a um órgão tão importante para a concepção de políticas públicas como é a FIDEM.

Balé Afro Majê Molê

O grupo, composto por 17 bailarinas, 5 percussionistas e 3 coordenadores, realiza os ensaios 3 vezes por semana, sempre na parte da manhã. Nos últimos 4 meses da

pesquisa de campo, freqüentei todos os dias dos ensaios para que se estabelecesse um maior contato com os participantes. Como era de se esperar, a desconfiança dos membros no início do contato foi bastante marcante, mas, felizmente, foi diminuindo com o passar do tempo.

Tive a oportunidade de assistir duas apresentações do grupo, uma no Festival de Dança do Recife e a outra no Festival de Inverno de Garanhuns. Esta última foi ainda mais valiosa pela oportunidade de viajar com o grupo para o local do evento (Garanhuns-PE). Também assisti a exibição do filme “Eu não tenho nada a ver com isso”³ no Teatro do Parque, junto com algumas bailarinas que também participaram do filme.

A participação nas reuniões – que ocorrem antes do início dos ensaios – realizadas com os jovens, possibilitou uma melhor compreensão acerca da relação estabelecida entre estes e os coordenadores do grupo. O professor (como é chamado o coordenador responsável pela produção artística dos espetáculos), sempre discute assuntos ligados a novas apresentações, mudanças no sistema de rodízio para a limpeza do espaço⁴, questões sobre figurino, etc.

Porém, dois assuntos me chamaram a atenção pela freqüência com que eram discutidos nas reuniões. O primeiro diz respeito ao incentivo dado pelos coordenadores para que os jovens participem das reuniões, discussões e debates que ocorrem freqüentemente no local, sobre o projeto de Revitalização dos prédios do Matadouro. Como nem sempre os jovens do grupo se fazem presentes nessas reuniões, o assunto é

³ Este filme foi resultado de uma Oficina de Cinema organizada pelo VI Festival de Cinema do Recife no bairro de Peixinhos. Algumas bailarinas do Majê Molê participaram deste filme, que teve como um dos principais cenários a área do antigo Matadouro de Peixinhos.

⁴ Para manter o espaço sempre limpo e organizado, criou-se uma escala para determinar quais os dias que cada bailarina deve organizar o local. O não cumprimento de suas obrigações muitas vezes provoca

discutido várias vezes pelos coordenadores, que enfatizam a necessidade do envolvimento do grupo como um todo, nas diversas atividades do Balé. Em quase todos os ensaios, os coordenadores ressaltam que para que as bailarinas se profissionalizem, é necessário conhecer de forma mais ampla todas as atividades que compreendem o bom funcionamento de um grupo de dança. Para tanto, a frase “fazer parte do Balé não é só dançar”, está presente sempre que os coordenadores enfatizam a necessidade dessas jovens se envolverem também em outras atividades ligadas à produção de novos espetáculos, pesquisa por instituições que possam patrocinar os eventos, reuniões com outros grupos da comunidade, etc.

Um segundo assunto também muito discutido nos ensaios, diz respeito ao comportamento das bailarinas tanto dentro de casa, quanto nos outros espaços do bairro. A ênfase num bom comportamento no âmbito privado, o que significa dizer mais especificamente, respeitar os pais, não ficar o tempo todo na rua⁵, ajudar nos afazeres domésticos, etc., passou a fazer parte das discussões semanais do grupo. Isso ocorre devido à recorrência das famílias das bailarinas, principalmente das mães, aos coordenadores do grupo, para que eles auxiliem na educação de suas filhas. O respeito conquistado pelos coordenadores devido ao trabalho que vêm realizando com crianças e jovens da comunidade, bem como uma maior identificação dos jovens participantes com os responsáveis pelo grupo, faz com que muitas vezes haja uma maior aproximação destes jovens com os coordenadores do que com os seus próprios pais.

confusões entre as bailarinas, que levam o problema para ser discutido com o professor e o restante do grupo.

⁵ Elemento destacado por coordenadores e pais como um dos maiores riscos para o contato com ‘coisas que não prestam’. Tanto o medo do contato com drogas, como o medo do envolvimento com pessoas ligadas a atividades criminosas de maneira geral, faz com que a rua, seja considerada antes de tudo, um local de risco.

Por várias vezes, enquanto andava com alguns dos coordenadores pela comunidade, observei membros da família das bailarinas se aproximarem dos mesmos para fazer alguma queixa sobre o comportamento de suas filhas, tanto dentro quanto fora de casa. Após a ‘reclamação’, vinha um pedido de ajuda para solucionar o problema, já que consideram que as jovens escutam mais os conselhos dos coordenadores do que dos membros da família. Espera-se dessas jovens um comportamento ‘correto’, no sentido de respeitar a hierarquia familiar, não andar com pessoas “perigosas”⁶, freqüentar espaços apropriados (este aspecto será melhor explicado no capítulo IV). O controle exercido sobre essas jovens pela família, pelo grupo, e algumas vezes pela própria comunidade, de certa forma, demonstra o receio de que ocorra com elas o mesmo que acontece com várias meninas da comunidade, que acabaram entrando para o mundo do crime, das drogas ou ainda da prostituição. Porém, vale ressaltar que mesmo esse controle social exercido ao menos por três esferas distintas (família, grupo e comunidade), não foi capaz de impedir que algumas integrantes do Balé seguissem o mesmo caminho de tantas outras meninas moradoras do bairro. Algumas das ex-integrantes do Balé acabaram se envolvendo em atividades ligadas ao tráfico de drogas e à prostituição.

O uso da observação direta como uma das técnicas de coleta de dados utilizadas na pesquisa, permitiu a compreensão mais aprofundado da realidade em que os jovens estão inseridos. Ou seja, muito dos detalhes, que acabam compondo o quadro maior do fenômeno observado, só foram captados através da observação. Neste caso, mesmo a utilização de ‘entrevistas em profundidade’ possui um potencial limitado no que diz respeito à apreensão de certas nuances da realidade observada, como a vida familiar dos

⁶ Na fala dos entrevistados, estas pessoas ‘perigosas’ estariam relacionadas ao crime, prostituição e/ou ao

entrevistados, a sua relação com o grupo e seus coordenadores, suas representações, preconceitos, medos e anseios.

2.4. Entrevistas

Ao todo foram realizadas 16 entrevistas. Foram entrevistados 3 dos 5 membros da Biblioteca Multicultural Nascedouro, 11 jovens do Balé Afro Majê Molê e 2 dos seus coordenadores.

A princípio seriam apenas entrevistados jovens com idades entre 15 e 24 anos, por ser este o recorte etário convencionalmente utilizado para designar ‘juventude’⁷. Após o contato com os grupos, percebi que poderia perder muitas informações relevantes se não considerasse outros informantes que não correspondiam ao perfil etário inicialmente pensado. O interessante também foi atender a reivindicação de jovens que não faziam parte dessa faixa etária – tanto mais velhos quanto mais novos – que demonstraram interesse em participar da pesquisa. Levando em consideração estes dois aspectos citados, foram entrevistados jovens de 13 a 27 anos de ambos os grupos.

As entrevistas foram todas realizadas no prédio onde os grupos se reúnem, por ser este o local preferido por eles. Todas as entrevistas foram feitas no último mês do trabalho de campo. Na verdade, isto consistiu em uma estratégia utilizada para que eu pudesse me tornar mais próxima dos entrevistados, bem como para que eles se sentissem mais à vontade com a minha presença.

tráfico e uso de drogas.

⁷ Esta é a faixa etária que convencionalmente é utilizada tanto por pesquisadores quanto por órgãos que desenvolvem trabalhos com o público juvenis.

No que diz respeito à constituição dos grupos, dos cinco jovens responsáveis pela BMN três são homens e duas são mulheres. Já no Majê Molê, dos 22 membros do grupo, 18 são mulheres e 4 são homens, com apenas uma menina que não faz parte do corpo de bailarinas, tocando na percussão do Balé. Desta maneira, o Balé é dividido praticamente em dois grupos distintos: as meninas, que participam dançando, enquanto os meninos participam tocando.

As entrevistas foram realizadas seguindo um roteiro previamente estruturado, e levava em consideração questões referentes a: Relações dos jovens em casa, com suas famílias, como estes vêem o bairro em que vivem, quais são os espaços utilizados por eles quando em busca de lazer, quais as expectativas ao participarem de um grupo juvenil, se houve alguma mudança em suas vidas após a entrada no grupo. E ainda, qual a visão que eles têm acerca do papel que desempenham na comunidade, como a comunidade reagiu às suas ações e como reage hoje em dia. No entanto, a concepção da estrutura da entrevista deixou espaço suficiente para uma certa flexibilidade que permitiu incorporar novos elementos que antes não haviam sido contemplados.

O tema da ‘relação dos grupos com a comunidade’ apresenta-se como uma das principais questões levantadas pelos jovens de uma maneira geral, como será melhor explorado no último capítulo desta dissertação.

Além disso, é interessante perceber a diferença de objetivos, propósitos, estrutura, entre os grupos, como um elemento importante da análise. Ter escolhido grupos com diferentes perfis possibilitou contrastar ‘posturas’, ‘posicionamentos’, frente aos problemas do bairro e às possibilidades de resolução. Talvez uma das diferenças mais marcantes entre os dois grupos, presentes nos discursos, é que, a princípio, os

jovens que participam do Majê Molê, não possuíam um objetivo direto de modificar, ou transformar, algo em sua comunidade através de suas ações. Ou melhor dizendo, enquanto a BMN possui um objetivo claro de tentar formar pessoas “mais críticas e contestadoras” através do incentivo à leitura, os jovens que participam do Majê Molê não se organizaram necessariamente com o objetivo de tentar resolver um problema coletivo do bairro, mas contribuíram, de alguma maneira, para a melhoria de sua comunidade. Compreender qual a visão que estes jovens tem de suas ações, o que os motivou a participar desses grupos, e qual a idéia que eles têm sobre o papel que desempenham na comunidade, passou a ser um dos objetivos mais importantes da pesquisa.

Por fim, resta considerar a importância que teve a utilização de técnicas complementares de pesquisa na investigação realizada. Neste sentido, como afirma Zinn (2001.p.165), “o uso de mais de um método é a melhor forma de prevenir contra vieses, uma vez que cada método revela diferentes aspectos da realidade empírica”. Neste sentido, a utilização alternada de ‘observação’ e ‘entrevistas’, bem como o acesso a ‘fontes documentais’, permitiu checar a validade de determinadas informações, a recorrência de temas antes não considerados, e o aprofundamento da pesquisa na busca de detalhes significativos da realidade investigada.

CAPÍTULO III

O BAIRRO, USOS DO ESPAÇO E FORMAS DE PARTICIPAÇÃO

3.1. O Bairro de Peixinhos

Segundo maior bairro da cidade de Olinda⁸, Peixinhos se localiza na divisa entre os municípios de Olinda e Recife. O nome do bairro derivou da referência que os primeiros moradores do local faziam a um rio que passava ao lado da comunidade. O rio era muito utilizado pelos moradores tanto para lavar roupas, tomar banho, quanto para pescar os “peixinhos” abundantes no local. Posteriormente, descobriu-se o nome do rio, Beberibe, mas a referência ao “rio dos peixinhos” já fazia parte do imaginário social dos moradores do local (De Paula, 2000: 15 - 16).

A formação e o desenvolvimento do bairro ocorreram de forma bastante interessante, tendo como marco histórico a construção iniciada em 1874 do Matadouro Industrial Municipal de Olinda. Com sua inauguração em 1919, esse empreendimento gerou muitos empregos, o que atraía pessoas de vários lugares, inclusive de outros Estados. Ainda completando o projeto, um ano antes da inauguração do Matadouro, em 1918, era inaugurada na mesma área o Curtume Santa Maria, que comprava o couro do gado abatido, para a exportação (De Paula, 2000).



Em 1970, o Matadouro encerrava suas atividades, o mesmo ocorrendo com o Curtume, que não teria mais onde comprar o couro. Além do valor econômico que esse empreendimento representava para a comunidade, já que a maioria dos trabalhadores morava no bairro, o Antigo Matadouro também tinha um valor simbólico muito forte por ter sido o responsável pelo crescimento do bairro. Esta era uma atividade importante para o Estado de Pernambuco e também simbolizava o progresso do bairro.

Um outro marco importante na história de Peixinhos foi a fase do fosfato. Em 1957 era inaugurada a Fábrica Fosforita Olinda S/A, que contou com a participação do Presidente Juscelino Kubitschek na solenidade. Atualmente, Peixinhos tem como atrativo principal o comércio de forma ampla, representado tanto pela Feira de Peixinhos⁹ quanto

⁸ Fonte: Censo Demográfico de 2000. (Site www.ibge.gov.br)

⁹ Com seu funcionamento desde 1949, foi considerada até a década de noventa como a maior feira livre da Região Metropolitana do Recife. Em 1998 a Prefeitura de Olinda decidiu transferir a feira para outro local no bairro, prometendo melhores condições estruturais e higiênicas para feirantes e consumidores (De PAULA, 2000: 40).

pela diversidade de lojas instaladas na Avenida Presidente Kennedy, principal via de acesso ao bairro.

Todos estes empreendimentos marcaram o início e desenvolvimento do bairro, transformando-o num bairro de referência para a cidade. No entanto, atrelado a estes acontecimentos, Peixinhos continuava a crescer de forma desordenada, sem planejamento, o que o transformaria em um dos maiores bairro populares da Região Metropolitana do Recife.

A forma desordenada de ocupação do espaço, levou Peixinhos a ter problemas estruturais, como a maioria dos bairros periféricos urbanos. Problemas como falta de pavimentação das ruas, energia elétrica, espaço público para o lazer, entre outros, podem ser visto claramente quando andando pelas ruas, vielas e becos do bairro. De certa forma, isso acaba sendo uma característica dos bairros de periferia que vão se instalando ao redor das grandes cidades. Muitas vezes a ocupação destes espaços ocorre sem um planejamento estrutural, responsabilidade dos órgãos públicos, o que compromete ainda mais a qualidade de vida dos seus moradores.

Para melhor entender o que se entende por *periferia*, podemos utilizar o conceito de Eunice Durham que diz: “*A chamada periferia é formada pelos bairros mais distantes, mais pobres, menos servidos por transporte e serviços públicos*”(Durham, 1998:173).

Esta primeira definição destaca dois pontos interessantes e importantes para entendermos o que seria um bairro periférico. O primeiro ponto diz respeito à questão espacial, geográfica, já que podemos perceber que geralmente, esses bairros estão

distantes do centro das cidades, sendo um dos motivos, o baixo valor imobiliário, o que facilitaria a compra de terrenos ou mesmo a ocupação ilegal desses espaços.

O segundo aspecto seria a carência de serviços, ou melhor, de serviços públicos. Problemas como falta de escolas, saneamento básico, postos de saúde, entre outros, marcam o início da formação desses locais, deixando essa população carente não só de recursos estruturais básicos, como também de perspectivas para um futuro com melhor qualidade de vida.

Um outro conceito de *periferia*, pode ser visto no texto de Eloísa Guimarães, intitulado “Juventude(s) e Periferia(s) Urbana(s)”, onde a autora acrescenta um outro elemento, que extrapola a questão estritamente geográfica, contemplando também a questão social

“Uso o termo “periferia” para designar áreas da periferia geográfica da cidade, mas também aquelas áreas que em função da geografia da cidade, e das formas de ocupação do espaço, poderiam ser denominadas de ‘periferia social’, com referência às populações pobres que habitam favelas construídas em morros encravados em bairros centrais”.
(Guimarães, 1997: 199).

Assim vemos que nessa breve discussão sobre ‘periferia’, podemos destacar elementos em comum que podem ser facilmente encontrados em bairros periféricos urbanos ao redor das grandes cidades. A carência de recursos, a localização afastada dos centros das cidades e a exclusão social, parecem ser alguns dos principais aspectos característicos destes locais, que vêm se multiplicando ao longo dos anos no Brasil.

Para melhor conhecer o bairro de Peixinhos, é importante ressaltar que parte do bairro pertence à cidade do Recife, por estar situado, como já foi dito anteriormente, no limite que divide as duas cidades. Assim, acessando os dados do local na base de dados do

IBGE, pôde-se perceber o desdobramento desses dados em duas partes. Peixinhos como bairro de Olinda e Peixinhos como bairro de Recife. Para melhor compreender o bairro como um todo, reúno aqui estes dados.

A tabela abaixo refere-se ao número de habitantes nos três maiores bairros de Olinda, estando Peixinhos em segundo lugar.

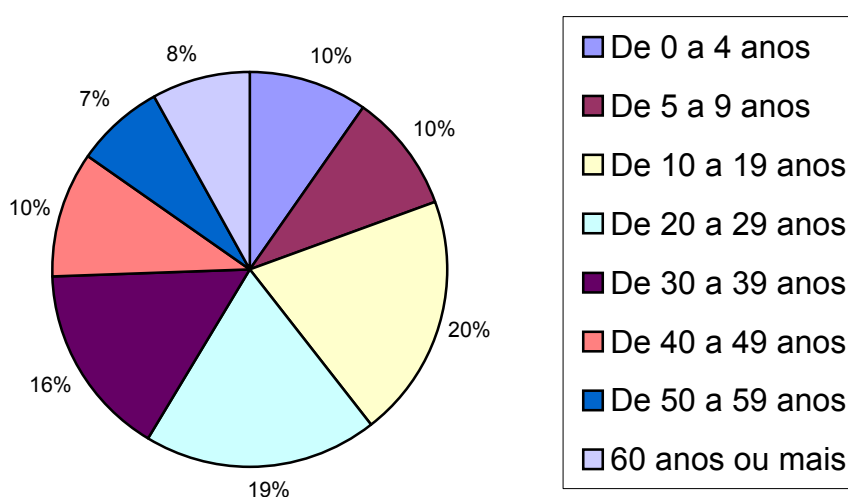
População Residente - Ano de 2000

Local	Nº. de Habitantes
Olinda	367.902
Rio Doce	44.176
Peixinhos¹⁰	40.428
Jardim Atlântico	35.381

Fonte: Censo Demográfico de 2000 – Resultados do Universo.
(Site www.ibge.gov.br)

Ainda para melhor compreensão dos dados, podemos perceber no gráfico abaixo a divisão da população por faixa etária

População de Peixinhos por Faixa Etária (em %)



Podemos perceber a alta concentração da população jovem no bairro, tanto na faixa etária entre 10 a 19 anos, quanto na faixa etária entre 20 a 29 anos. Infelizmente a forma de catalogação dos dados organizados pelo Censo, não possibilita a separação de forma mais detalhada dos grupos geracionais. Se considerarmos esses dois intervalos apresentados acima, podemos perceber que tanto a infância, quanto a juventude e a fase adulta, são agregados em apenas duas categorias. Ainda se considerarmos a faixa etária entre 10 e 29 anos, podemos perceber que esta corresponde a 39% de toda a população do bairro de Peixinhos.

Peixinhos, tanto em relação à sua história, quanto ao seu tamanho populacional, possui um posição de destaque para o poder público. Prova do reconhecimento das atividades desenvolvidas por moradores do bairro, foi a aprovação do projeto de revitalização dos prédios do Antigo Matadouro Industrial de Olinda, coordenado pelo Governo do Estado de Pernambuco, em resposta à organização popular do bairro, que vinha reivindicando providências para o espaço abandonado, desde o encerramento de suas atividades na década de 70.

3.2. Do Matadouro ao Nascedouro de Cultura

3.2.1. A iniciativa popular

Desde o encerramento das atividades do antigo Matadouro Industrial de Olinda, o bairro de Peixinhos vem acompanhando a degradação dos prédios que compõem o espaço. Com uma área total do terreno de 40.992 m² e um conjunto de 15 blocos construídos,

¹⁰ Sendo 36.215 habitantes pertencentes a cidade de Olinda e 4.213 a cidade do Recife.

atualmente apenas um prédio tem sido utilizado pela comunidade e pelo poder público, por ser o único com estrutura física mínima, capaz de suportar as atividades que vêm sendo realizadas no local. Devido ao completo abandono pelo poder público¹¹, quase todos os prédios foram drasticamente danificados ao longo dos anos. A falta de manutenção fez com que as ações do tempo deteriorassem parte dos prédios. Todavia, vale ressaltar, que o principal fator responsável pela depredação do local foi a ação dos próprios moradores do bairro. Eram freqüentes os saques de tijolos, azulejos, janelas, portas, telhas, ferros, utilizados tanto para a comercialização quanto para a construção de suas próprias casas (De Paula, 2000:.87).

Atrelado a isso, o local começava a se transformar num espaço de fácil acesso para criminosos, que usavam o espaço interno do antigo Matadouro como um local de ‘desova’. Ou seja, pessoas eram mortas lá dentro ou simplesmente tinham seus corpos levados para serem abandonados no local. O tráfico de drogas também passou a utilizar a área para a compra e venda, o que colaborava para a identificação do espaço como um local antes de tudo violento.

Diante desta situação, alguns grupos do bairro começaram a pressionar o poder público para que fossem tomadas providências efetivas para resolução do problema. O único prédio que possuía alguma atividade era o bloco G¹², onde se encontrava instalado o Centro Social Urbano (CSU) ligado à Prefeitura do Recife.

¹¹ A área do antigo Matadouro pertence à Prefeitura do Recife.

¹² O mapa do local poderá ser visto na próxima seção, onde será apresentado o Projeto de Revitalização do antigo Matadouro.

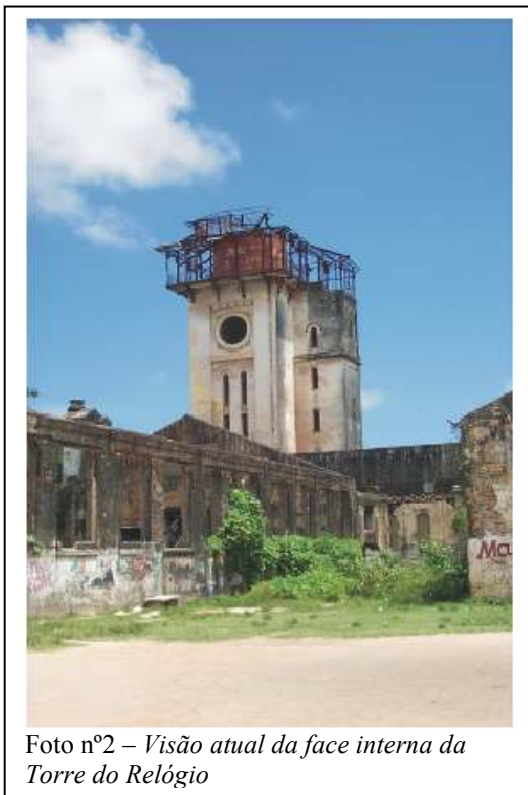


Foto nº2 – *Visão atual da face interna da Torre do Relógio*



Foto nº 3 – *Visão interna de um dos galpões (atualmente)*

Tanto a falta de espaço para sediar alguns grupos existentes no bairro, quanto a vontade de fazer do local um espaço produtivo, onde a comunidade pudesse desfrutar de suas instalações sem medo, levaram vários grupos a ocuparem o prédio principal do antigo Matadouro, o que segundo nossos informantes, foi realizado sem a resistência da Prefeitura, facilitando, de certa forma, a instalação e permanência dos grupos no prédio.

Hoje em dia, fica difícil contar quantos grupos realmente ocupam o prédio principal, devido aos diversos usos que são feitos do espaço¹³. Porém, segundo levantamento realizado pela FIDEM (Fundação de Desenvolvimento Municipal), os grupos seriam os seguintes:

¹³ Podendo ser desde encontros semanais, até a utilização do local apenas para eventos esporádicos.

- Balé Afro Majê Molê
- Grupo da Terceira Idade
- Grupo Comunidade Assumindo suas Crianças
- Grupo Saúde Condor Cabo Gato
- Biblioteca Multicultural Nasedouro
- Movimento Cultural Boca do Lixo
- Grupo Alcoólicos Anônimos

Assim, a organização popular se aproximou do poder público, tanto por estar em contato diário com funcionários do CSU, quanto por usar as instalações de um prédio que pertence à Prefeitura do Recife. O próximo passo seria dar um novo nome ao local, capaz de retratar os novos usos que seriam feitos daquele espaço, na tentativa de afastar os problemas causados pela criminalidade no local. Dessa maneira, como a maioria dos grupos desenvolvia suas ações na área cultural a proposta seria transformar o local em um Centro Cultural.

Assim, o projeto de transformar a área do antigo Matadouro em um *Nasedouro de Cultura*¹⁴ surgiu da organização de vários grupos culturais do bairro, que tinham como objetivo utilizar o espaço para desenvolver atividades culturais diversas, já que quase não existem espaços públicos de lazer disponíveis no bairro. Posteriormente, como forma de representar a proposta da comunidade, outro poeta de Peixinhos, Orosvaldo Limeira de

¹⁴ O nome foi criado por um poeta da comunidade ligado ao Movimento Cultural Boca do Lixo, chamado Caetano Alves Pereira.

Almeida, coordenador do Grupo Comunidade Assumindo suas Crianças, elaborou um poema em homenagem ao ‘novo’ espaço do bairro.

NASCEDOURO

Essa terra banhada
em sangue de animais
e suor de homens,
não será mais matadouro
posto que doravante
será o nascedouro
da cultura popular

Não mais a morte
Nem violência.
Sim a alegria das crianças
Cantando e dançando.
A perspicácia
dos artistas jovens
e a esperança
dos velhos artistas

(Oriosvaldo Limeira de Almeida. In. DE PAULA, 2000: .56)

O nome ‘Matadouro’ ultimamente estava sendo relacionado não só com a antiga atividade econômica do local, mas também com o novo uso que vinha sendo feito pelos criminosos. Nesse sentido, a vontade de mudar esta situação, atrelado ao surgimento de várias ações culturais no bairro, possibilitou a organização de grupos com objetivos diferentes, porém com um mesmo ideal: transformar o espaço tomado pelo abandono e criminalidade, num centro de convivência para todas as faixas etárias do bairro de Peixinhos. Como veremos nos capítulos seguintes, a participação dos jovens neste projeto, através do seu engajamento em grupos ligados à cultura, foi fundamental para a continuidade da proposta.

Atualmente, quase seis anos depois da entrada do primeiro grupo no local, o Balé Afro Majê Molê, o espaço vem passando por algumas mudanças. Como veremos na próxima seção, toda a área do antigo Matadouro está incluída num projeto de revitalização arquitetônica, para transformar o local num Centro Cultural, Tecnológico e Social.

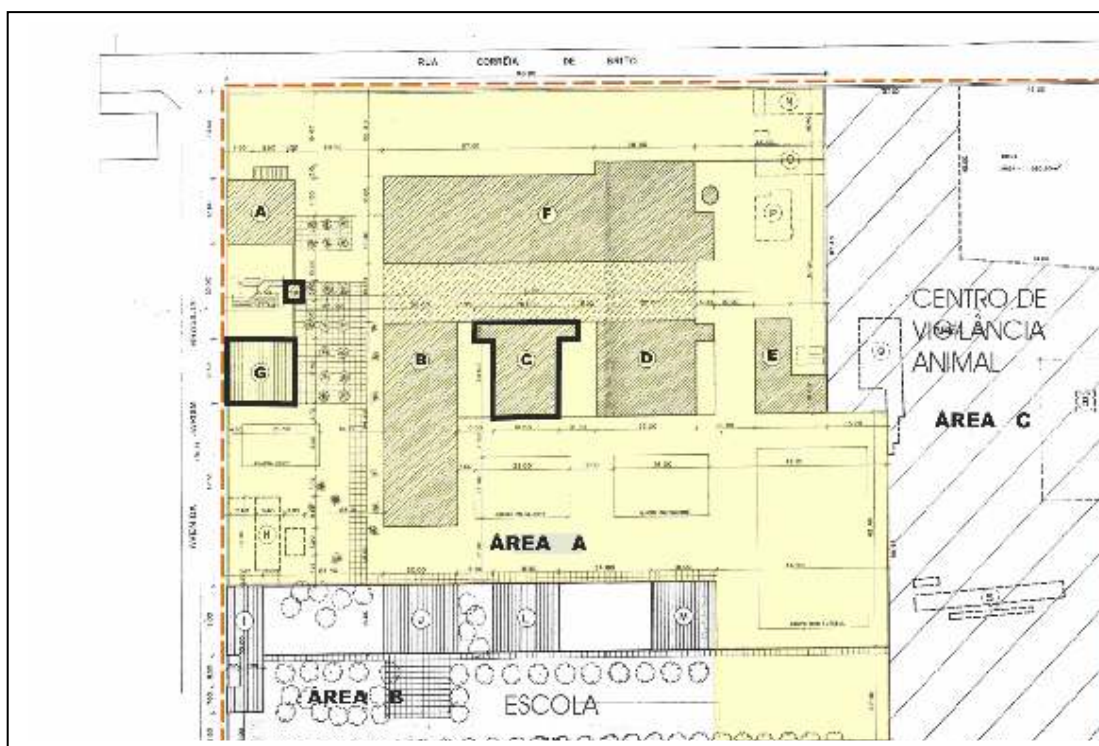
3.2.2. A contrapartida do Governo

A proposta de *Restauração e Adequação Funcional do Sítio Histórico do Matadouro de Peixinhos* (iniciada em 1999), faz parte de um projeto maior intitulado PROMETRÓPOLE, coordenado pelo Governo do Estado de Pernambuco. O PROMETRÓPOLE tem como objetivo principal a “implementação de ações integradas de infra-estrutura urbana e de provisão de serviços públicos, que beneficiem as áreas ocupadas pela população de baixa renda”¹⁵.

Duas questões são importantes para entender porque a área do antigo Matadouro faz parte do projeto PROMETRÓPOLE. A primeira seria o fato dos prédios em questão serem considerados parte do Patrimônio Histórico protegido por lei municipal, o que ressalta ainda mais a importância do local. A segunda justificativa seria o fato dessa região (chamada de Bacia do Beberibe) apresentar uma das mais altas densidades demográficas da RMR, além da alta concentração de população pobre, carente em infra-estrutura física e social¹⁶. O projeto tem a proposta de requalificar a estrutura física do prédio para adequá-lo “à demanda da população por espaços destinados à consolidação do Centro de Cultura Popular – NASCEDOURO DE CULTURA, já em funcionamento” (Idem).

¹⁵ Fundação de Desenvolvimento Municipal, *PROMETRÓPOLE*, carta consulta. Recife, outubro de 1999.

Porém, vale ressaltar, o projeto de restauração do antigo Matadouro inclui toda sua área construída, com o objetivo de formar um Centro de Difusão Tecnológica, e também ampliar as atividades do Centro Social Urbano (ver detalhes no Anexo II). O tamanho do projeto impressiona, o que por vezes leva alguns membros dos grupos da comunidade envolvidos nas discussões, a duvidar da completa realização da proposta. Se levarmos em consideração que o projeto, em andamento desde 1999, demorou cerca de dois anos só para a finalização do processo de licitação, poderemos entender o receio da comunidade, que aguarda ansiosamente pela melhoria do local.



Para um convênio deste porte, o Governo do Estado de Pernambuco firmou um convênio com o Banco Mundial, que auxiliará na disponibilização de verbas para a realização das obras. O Governo do Estado também conta com parcerias como: Secretaria

¹⁶ Fundação de Desenvolvimento Municipal, *Projeto de Requalificação do Sítio Histórico do Matadouro de*

de Políticas Sociais do Recife, FIDEM, Centro de Cultura Luiz Freire, URB, entre outras instituições.

Para melhor apreender o tamanho da proposta, podemos ver na planta acima (Foto nº4) quais são os prédios atualmente em funcionamento no local (em destaque). O restante dos blocos encontra-se praticamente em ruínas.

O bloco G, único prédio com telhado, instalação hidráulica e elétrica, abriga todos os grupos atuantes hoje no local. Os dois andares do prédio e o porão são divididos entre os grupos e a administração do Centro Social Urbano. Ao lado dele, a outra área destacada (contornada) é a guarita, que também se encontra em estado precário de conservação. O bloco C atualmente tem sido usado esporadicamente como espaço para realização de shows e eventos organizados pela comunidade. O restante da área encontra-se tomado pelo lixo, entulhos, máquinas abandonadas e mato.



Não resta dúvida quanto à importância histórica, social e econômica da área que compreende o antigo Matadouro. Prova disto foi a iniciativa do poder público em tentar

restabelecer este local através do desenvolvimento de atividades produtivas ligadas a prestação de serviços, atividades culturais e formação profissional. Porém, a organização popular, e mais especificamente a participação de dois grupos juvenis, parecem ter sido contribuições fundamentais para adequação do projeto às expectativas da comunidade. Não se sabe se o projeto será concluído de acordo com o previsto, mas a participação efetiva dos grupos nas reuniões¹⁷ semanais realizadas no prédio, indica o reconhecimento do poder público da importância da participação destes no processo de tomada de decisões sobre o projeto.

Muitas dúvidas continuam sem respostas efetivas, por exemplo, como se dará a gestão desse empreendimento, já que o Centro de Difusão Tecnológica será administrado pelo Governo do Estado, o Centro Social Urbano pela Prefeitura do Recife e o Centro Cultural pelos grupos da comunidade¹⁸. Outra questão complicada seria a sua manutenção, já que, de acordo com o texto do projeto, cada centro deveria ser auto-sustentável. Questões como estas são bastante frequentes e difíceis de serem respondidas, visto que os grupos envolvidos no projeto devem ser responsáveis pela manutenção do futuro Centro Nascidouro de Cultura.

Mesmo sem respostas para estas questões no presente momento, os grupos continuam se organizando no bairro, para que as conquistas alcançadas até então não venham a se desfazer diante dos obstáculos próprios de um projeto com tamanha amplitude como este.

¹⁷ Estas reuniões são organizadas pela FIDEM no bloco G com o objetivo de apresentar o andamento do projeto para a comunidade, bem como receber propostas e críticas vindas de seus representantes. Assim, existe um contato mais estreito envolvendo lideranças comunitárias e as diversas entidades envolvidas no projeto

Para melhor compreender a relação entre a ação dos grupos da comunidade e o processo de transformação do antigo Matadouro, a seção seguinte irá tratar dos conflitos e negociações ocorridos durante a ocupação do espaço pelos grupos.

3.3. Conflito e Negociação na ocupação da área (Nascedouro)

Após a discussão sobre a ‘iniciativa da comunidade’ e ‘a contrapartida do governo’, é importante considerar agora alguns aspectos sobre o processo de ocupação do espaço atualmente conhecido como Nascedouro de Cultura. Como se deu a negociação dos grupos que ocuparam o prédio com as pessoas que já faziam uso das áreas que compreendem o Nascedouro? Como ocupar um local que estava sendo usado freqüentemente para o tráfico de drogas e outras atividades criminosas, sem transformar-se em mais uma vítima da violência no bairro?

O bom relacionamento com a comunidade parece ser algo muitas vezes não só almejado, como também necessário para o bom desempenho de ambos os grupos aqui considerados. O reconhecimento e a legitimação de suas atividades parecem ser alguns dos ganhos mais valiosos para estes jovens, que passaram a ser reconhecidos e respeitados dentro do bairro.

A relação estabelecida com alguns moradores do bairro, que antes utilizavam o espaço em torno da entrada do Nascedouro, resultou de um processo de negociação. Como afirmam alguns dos entrevistados, o espaço foi durante muito tempo utilizado para a

¹⁸ Para saber mais notícias sobre o andamento do projeto nos dias de hoje, após um ano da realização do trabalho de campo, ver reportagem publicada do Diário de Pernambuco, Anexo III.

comercialização e uso de drogas. Atualmente, tal atividade foi reduzida. Segundo eles, a diminuição no índice de criminalidade, bem como no tráfico e uso de drogas no local, ocorreu após a entrada dos grupos no Nascedouro. A utilização diária do espaço teria provocado o deslocamento desse tipo de atividade para algum outro local de menor circulação de pessoas.

Com o aumento da movimentação no prédio, o espaço, antes abandonado, que compreende à entrada do Bloco G, o qual costumava funcionar como um ponto para consumo de drogas, hoje – após a instalação dos grupos no local e a ampliação das atividades no CSU – é ocupado por pessoas da comunidade que trabalham lavando os carros de funcionários e visitantes da área. Os ‘lavadores de carro’ conhecem todos os que costumam freqüentar o espaço.

A importância de manter uma boa relação com estas pessoas, e mais especificamente com um dos ‘líderes’ do grupo (‘lavadores de carro’), é algo bastante curioso. Existe uma preocupação por parte dos grupos, em respeitar o espaço dos “lavadores de carro” para que estes também não atrapalhem o desenvolvimento das atividades realizadas no local. A relação construída entre os grupos e o ‘líder’ vai muito além do simples respeito pelo espaço de cada um. Esta pessoa foi responsável, e ainda o é, pela segurança do local¹⁹, já que no início os grupos eram vítimas de roubos freqüentes de materiais, como instrumentos musicais, cadeiras, mesas, etc. Esse problema foi solucionado, segundo um dos entrevistados, quando responsáveis pela administração do

¹⁹ Existem três funcionários públicos responsáveis formalmente pela segurança do prédio. Porém, durante o período da noite estes seguranças não permanecem no local. Segundo os grupos, este horário seria o mais perigoso, já que os roubos, ou outras atividades criminosas costumam ocorrer durante a noite.

Nascedouro ‘contrataram’ os serviços desse ‘líder’ dos lavadores de carro. Isso pode ser melhor observado no depoimento abaixo:

“C. ganhava um dinheiro pra tomar conta do Matadouro, tinha vigilante mas ninguém respeitava o vigilante, só respeita ele. Ele é o manda-chuva” (G. G.).

Ou ainda,

“O pessoal do lava-jato aqui, que a gente tem o contato direto com C. é que toma conta do galpão pra gente, pra ninguém depredar” (R.S. 27 anos).

Os membros dos grupos, como também os próprios funcionários responsáveis pela administração do espaço, passam a reconhecer a importância do contato com esta pessoa. A estratégia de recorrer a um morador da comunidade, que por sua vez conhece o local desde a época em que este era usado quase que exclusivamente para atividades criminosas, acabou por resolver ao menos os problemas de roubo de materiais das salas do prédio.

Por outro lado, nem todos os grupos que passaram a utilizar os espaços do Nascedouro contaram com a colaboração dos lavadores de carro. Como podemos perceber no depoimento abaixo, o desentendimento entre um grupo que estava utilizando um galpão do Nascedouro com os lavadores de carro, acabou provocando a saída do grupo do galpão:

“Eu acho que não houve uma comunicação com o pessoal que já ocupava aqui, e rolou um atrito e a galera botou fogo no galpão. A gente quando ocupou tentou sempre manter esse diálogo com a galera, sempre conversa e chama o pessoal pra participar” (R. S. 27 anos).

Podemos perceber que existe um certo controle exercido por estas pessoas que já freqüentavam o local, no sentido de “permitir” ou não a utilização de alguns dos espaços disponíveis no Nasedouro. O bom relacionamento com estas pessoas, possibilitou aos grupos não só uma ocupação “tranqüila”, como também a própria manutenção dos grupos, que antigamente se viam impossibilitados de desenvolver suas atividades devido aos roubos freqüentes que ocorriam no local.

É importante notar que ambos os grupos, ao falarem do momento da chegada no prédio, não comentam se tiveram algum problema com a Prefeitura do Recife, atual responsável pelo Nasedouro. Mesmo quando perguntado se a Prefeitura de alguma maneira teria imposto barreiras à entrada dos grupos, as respostas aparecem de forma taxativa, enfatizando a condição de abandono e descaso pelo poder público para com o local, o que implica dizer que praticamente não houve resistência da Prefeitura a estas ações. A forma de negociação e ocupação do espaço foi realizada levando em consideração, quase que exclusivamente, as relações estabelecidas com as pessoas (da própria comunidade) que já faziam uso do local. Ou seja, é importante ressaltar que se não tivesse havido uma negociação entre os ‘novos’ freqüentadores do local, e os ‘antigos’, o desempenho de suas atividades teria sido praticamente impossibilitado.

Porém, se a presença da Prefeitura no prédio neste início era praticamente inexistente, o mesmo não pode ser dito nos dias de hoje. Com o trabalho realizado pelo CSU (Centro Social Urbana), bem como o desenvolvimento de atividades ligadas a RPA 2 (Região Política Administrativa)²⁰, atualmente pode-se ver com bastante freqüência a

²⁰ As RPAs são divisões administrativas da prefeitura do Recife. Atualmente existe um escritório que faz parte da RPA2 no prédio. Isso fez com que vários funcionários fossem deslocados para o local, tornando-o mais movimentado e dinâmico.

presença de funcionários públicos trabalhando no prédio. No entanto, esta retomada do espaço, que compreende um andar completo do prédio, é vista com uma certa desconfiança por alguns membros dos grupos aqui investigados. Isso pode ser melhor observado no depoimento de um jovem da BMN a seguir:

“Essa gestão que chegou agora, ela não chegou conversando com os grupos que utilizavam o espaço, ela chegou reivindicando o espaço que era da Prefeitura. Já chegaram dizendo que o prédio era da Prefeitura. Mas só que isso aqui era abandonado pelo poder público”(R.S. 27 anos).

Agora o jogo parece se inverter, quando a disputa do espaço dá-se não apenas entre grupos comunitários, mas entre estes grupos já estabelecidos no local e o órgão responsável pela administração do Nascedouro (Prefeitura do Recife). A participação da Prefeitura de maneira mais efetiva, e a incerteza com relação à revitalização dos prédios²¹, acabou gerando um clima de desconfiança, e os grupos temem ficar sem o espaço que conquistaram ao longo desses anos.

Além da insegurança destes jovens pelo fato de não existir uma clareza no projeto de revitalização, no que diz respeito à divisão dos espaços para cada grupo, existe também um apego ao local, já que este marcou o início de suas atividades. Como podemos ver nos depoimentos abaixo:

“Eu gosto daqui, o espaço é legal, a gente já suou tanto pra arrumar isso aqui. Isso era um lixo quando a gente chegou, tudo sujo, cobra, escorpião, aranha”(M. S. 18 anos).

²¹ Os dois grupos investigados demonstraram uma insegurança no que se refere ao espaço que será destinado a eles quando finalizadas as obras de revitalização. O Majê Molê destaca a importância de arrumar outro local para sediar o grupo, por não ver lugar para o grupo no projeto de revitalização dos prédios.

“Eu preferia ficar aqui, porque a gente nasceu aqui dentro. Se fosse por a gente a gente não saía daqui não. Porque se saísse daqui como ia ficar a história do Majê Molê? Ia acabar totalmente”(C.S. 15 anos).

“Eu acho melhor ficar, mas do jeito que a gente tá vendo, essa disputa pelo espaço. Porque esse espaço aqui a gente entrou com tudo sujo, desorganizado. Depois que a gente organiza, limpa, aí o pessoal quer entrar” (A.G. 25 anos).

O receio maior de ficar sem um espaço próprio para o grupo, é ainda mais forte entre os membros do Majê Molê. Estes sempre destacam que existem muitos grupos da comunidade lutando também para usar o porão do prédio, onde o grupo realiza seus ensaios. Até o momento, o espaço está garantido só para o Majê Molê, por ter sido este o primeiro grupo a chegar e também por possuir um número elevado de participantes, o que justificaria a impossibilidade de dividir este local com outros grupos. Mas quando se fala no futuro Nascedouro de Cultura, revitalizado (pelo poder público), não parece existir uma sala única para o grupo, e sim várias salas para todos os grupos do bairro revezarem o espaço.

Ressaltou-se aqui o conflito e os processos de negociação ocorridos durante a ocupação/aproveitamento de um espaço no bairro. Tais fatos ilustram bem os arranjos e rearranjos que os grupos encontraram para possibilitar sua atuação. Ou seja, buscou-se enfatizar os conflitos entre as intenções dos grupos ao ocuparem o local, a presença (atual) do poder público na área e a existência da comunidade, que já fazia uso do espaço para outros propósitos.

No entanto, no que diz respeito ao consumo/tráfico de drogas na área, não se pode afirmar que a atual dinâmica do local tenha eliminado por completo estas atividades. Pode-se dizer que houve uma diminuição, em geral, da ocorrência de atos criminosos no

local (se comparados com o passado) – até porque com a movimentação diária de funcionários e grupos no prédio, este tipo de atividade seria facilmente identificada. No entanto, o respeito conquistado por estes grupos, junto às pessoas que já usavam o espaço, e junto à comunidade como um todo, ajudou a consolidar as atividades desenvolvidas por estes jovens. Se antigamente o espaço era visto antes de tudo como um local violento, onde as ‘pessoas de bem’ deviam manter distância se não quisessem ser confundidas com criminosos, hoje pode-se dizer que basicamente os freqüentadores do local estão interessados em continuar o trabalho que vem sendo desenvolvido pelos grupos culturais, ou mesmo participar das atividades promovidas para os moradores da comunidade.

No próximo capítulo serão apresentados, de forma mais detalhada, os dois grupos que fizeram parte dessa pesquisa. O objetivo dessa etapa do trabalho será identificar como os grupos foram formados, seus objetivos e perspectivas para o futuro.

CAPÍTULO IV

OS NOVOS GRUPOS NO NASCEDOURO DA CULTURA

4.1. Balé Afro Majê Molê²²



Foto nº6 – Balé Afro Majê Molê

Fundado em 1997, o Majê Molê tem como objetivo profissionalizar meninas carentes do bairro através da dança. O casal idealizador do Balé vinha organizando festas infantis todos os anos no dia das crianças, até que em 1997, aproveitando o conhecimento de G. em Dança Afro (ex-integrante do Balé de Arte Negra do Recife), resolveram formar o grupo.

Atualmente o grupo conta com 17 bailarinas, 5 percussionistas²³, e três coordenadores. O número de participantes já foi bem maior (chegou a ter 31 bailarinas),

²² No dialeto Iorubá, Majê Molê significa *Crianças que Brilham*

mas foi reduzido por motivos estruturais, como espaço para ensaiar, número de roupas e instrumentos, dificuldade de transporte nos dias dos eventos, entre outros fatores que também colaboraram para a diminuição no número de integrantes, como a saída de algumas meninas devido ao envolvimento com tráfico e/ou uso de drogas, prostituição, ou ainda pelo fato de terem engravidado. O “bom” comportamento, tanto dentro do grupo quanto na família e em outros espaços do bairro, é uma questão fundamental e bastante discutida pelos coordenadores do Balé, como veremos no decorrer do trabalho.

Com relação à gravidez, a regra é clara: a menina que engravidar sai do Balé e não pode mais voltar. Segundo G., coordenadora do grupo:

“Não volta porque nos não temos condições de sustentar uma mãe e um filho...e também porque vai induzir as outras a fazer também”

Uma outra regra do grupo diz respeito à escola. Só participa do Balé quem estiver estudando, o que fez com que muitas meninas se vissem obrigadas a voltar a estudar, já que elas queriam permanecer no Balé.

A idéia de formar um Balé para meninas carentes do bairro surgiu tanto da constatação da carência de atividades voltadas para as meninas, como também pela possibilidade de melhor coordenar um grupo de meninas do que de meninos. Esta segunda questão, parece ter sido fundamental no início para a escolha do público alvo (crianças do sexo feminino), como explicam dois dos coordenadores do grupo:

²³ Os percussionistas são responsáveis pela música executada durante os espetáculos. O Balé sempre dança com música ao vivo.

“Eu só queria se fosse de menina, porque menina a gente dá um grito e ela chega né? e menino não . Porque menino é mais radical, menino diz eu vou e acabou-se, e as meninas a gente consegue frear elas. Quando era no Balé de Arte Negra, que só era homem, tinha uns deles que enfrentavam T. (coordenadora do Balé), era capaz de querer dar em T., e a turma defendia. Mas se deixasse eles davam nela” (G. G. Coordenadora).

“Mesmo com a idade que elas tem a gente impõe e elas aceitam. E o menino, ele chega numa certa idade e você não tem condições de impor e ele abaixar a cabeça” (M. S. Coordenadora).

Assim, pôde-se perceber o receio de não conseguir controlar o grupo, segundo uma perspectiva de gênero, atrelado à imagem de que os homens seriam mais impulsivos, ou até mesmo agressivos do que as mulheres. Pensando nisso, somado à experiência já vivida em outro Balé composto só por homens, os coordenadores decidiram trabalhar com meninas, para que fosse mais fácil controlar os conflitos que poderiam vir a acontecer.

No início o corpo de bailarinas era composto, em sua maioria, por crianças, e algumas adolescentes. Hoje em dia, depois de quase seis anos de existência, as crianças cresceram, mudando um pouco o perfil do grupo. Atualmente, quase todas as bailarinas (com exceção de duas delas) têm entre 13 e 22 anos. Pensando neste novo perfil do grupo e tentando manter a coerência com o próprio nome (Majê Molê) que tem como significado *Crianças que Brilham*, há dois anos atrás foi feito um concurso para a admissão de duas crianças entre oito e dez anos.

Com relação aos integrantes da percussão do Balé, o perfil é completamente diferente. São quase todos homens (só tem uma mulher) e a faixa etária também é outra, entre 20 e 25 anos. Talvez a facilidade de encontrar mais homens do que mulheres

tocando instrumentos percussivos ajude a entender a concentração de jovens do sexo masculino desenvolvendo estas atividades.

O Candomblé serve como principal fonte inspiradora tanto para as coreografias quanto para a criação das músicas do grupo. Muitos percussionistas que passaram pelo Balé, e alguns que ainda estão, tiveram como espaço de aprendizagem os terreiros de Candomblé, bastante comuns no bairro. Segundo B.F. 21 anos, percussionista do grupo:

“Uma escola que faz muito percussionista é o terreiro, porque é onde você aprende a tocar. Aí eu toco com eles também, mas eu não sou um Ogã. Pra ser um tem que ter muita responsabilidade, não é só tocar. Tem que ter compromisso sério, tem que estudar”

A participação dos coordenadores na religião, e ainda, o envolvimento dos mesmos em ações ligadas ao resgate e valorização da cultura negra (afro), serve como pano de fundo para a utilização de passos, gestos e encenações relacionados ao Candomblé.

Porém, um ponto importante a ser destacado é a preocupação do grupo em não confundir o trabalho artístico do Balé como sendo uma extensão da religião. Para isso, são tomadas algumas precauções, como podemos observar no depoimento a seguir:

“Por isso que a gente não coloca os Orixás pra dançar no palco vestidos, mas bota a representatividade dos Orixás pelas cores. Como é um segmento de uma pesquisa no Candomblé, pode ser que isso venha a ser cobrado pela espiritualidade, ou alguma dessas divindades venha a se fazer presente no espetáculo, até querer estar no corpo dançando. Essa é a questão de não colocar a pessoa totalmente vestida no palco, pra dividir o que é a parte artística e a parte religiosa” (R. S., 24 anos, percussionista).

“A gente não mistura porque o Balé não é o Candomblé, nem é uma coisa da obrigação. Primeiro de tudo a gente trabalha com criança, então existe o respeito, e é uma responsabilidade muito grande por isso” (G. G. coordenadora).

A preocupação em mostrar que o grupo tem suas raízes na religião do Candomblé, mas não pretende fazer disso uma extensão das atividades e obrigações características dessa religião, pode ser visto claramente nesses depoimentos que acabam de ser apresentados ²⁴.

É interessante perceber que existe um certo incômodo quando perguntado às dançarinas qual seria a religião de cada uma. Muitas vezes as respostas vinham em forma de negação “não costumo ir pra terreiro”, vindo logo em seguida uma espécie de justificativa para tal resposta. Como podemos observar nos depoimentos a seguir, o medo de presenciar alguma ‘possessão do corpo’ por uma entidade espiritual - algo que ocorre em sessões do Candomblé - parece ser o principal motivo destas jovens dizerem não gostar de freqüentar terreiros, apesar de cada uma já ter ido pelo menos uma vez.

“Não gosto muito dessas coisas não. Não tenho nada a dizer pra discriminar, mas eu não gosto muito não. Gosto assim, de ver, mas eu tenho medo.” (J.T. 13 anos)

“Católica, eu sou normal. Eu não critico nenhuma religião, eu aceito todas elas. Às vezes eu vou pra igreja de crente... E também eu não posso criticar o Candomblé porque o Balé Afro Majê Molê vem através disso, que é uma dança de negro, africana e vem muito puxado dentro do Candomblé. Freqüentar, freqüentar, dentro mesmo eu não freqüento não, eu tenho medo, não é medo, eu fico nervosa de ver baixar” (A. G. 25 anos).

²⁴ Para saber mais sobre o Candomblé, ver Motta (1994), Fonseca (1995) e Lins (1997)

“A gente vai pro Candomblé pra ver as danças, mas também eu não gosto de ir não, não me sinto bem, mas eu respeito. A única coisa do Candomblé que eu não gosto é quando as pessoas recebem, quando é festa dos Orixás” (S.S. 15 anos)

Pode-se perceber também que existe um receio das entrevistadas em afirmar sua simpatia pelo Candomblé, devido ao preconceito histórico existente em relação a essa religião (Fonseca, 1995). Parte desse “medo” em dizer que conhece ou frequenta algum terreiro pode ser melhor compreendido ao longo dos próximos capítulos, quando explicarei melhor como foi a receptividade da comunidade no início da formação do Balé até os dias de hoje.

4.1.1. Apresentações e manutenção do Grupo

O Majê Molê foi o primeiro grupo a ocupar uma das salas do prédio principal do Nasedouro. Na verdade, o porão do prédio foi utilizado por eles por ser o maior espaço disponível no local, capaz de acomodar os instrumentos, roupas, e alguns outros acessórios. No porão, além do espaço utilizado para o ensaio, realizado 3 vezes por semana, existe ainda uma cozinha, com pia, fogão, e uma estrutura mínima para realizar algumas refeições. É comum em alguns dias de ensaio, os coordenadores prepararem refeições para os integrantes do grupo. Existe uma seqüência na distribuição da comida, sendo as dançarinas as primeiras a receber, depois os percussionistas, seguidos dos coordenadores²⁵.

²⁵ Essa seqüência é utilizada para tudo, sendo a prioridade sempre das dançarinas.

A proposta do grupo é se manter através de apresentações, ou seja, através da venda dos seus espetáculos. Atualmente o grupo já tem 5 espetáculos prontos (figurino, coreografia e música), tendo sido organizados um a cada ano desde sua fundação. No início, várias apresentações foram feitas em troca de lanches para o grupo, ou em troca de algum cachê simbólico, que não rendia mais do que R\$ 10,00 pra cada participante. Com o tempo o grupo foi se profissionalizando e começou a ser reconhecido dentro e fora da comunidade.

Em 1997 receberam o troféu de Balé Revelação no IV Encontro de Música Afro do Pina. Em 1999 participaram de dois videoclipes: um em homenagem à cidade do Recife e outro para a Campanha do Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente. (De Paula, 2000: 69)

Atualmente o grupo já tem participação garantida no Festival de Dança de Recife, o que é motivo de muito orgulho para os integrantes do Balé, pelo fato de não precisarem passar pelo processo de seleção para participar do evento. No ano de 2002 o Balé foi o último grupo a se apresentar, sendo o responsável pelo encerramento da noite. Outro festival importante que também tem contado com a participação do Balé nos últimos 3 anos é o Festival de Inverno de Garanhuns, com visibilidade nacional.

No ano de 2000, com o apoio do Centro de Cultura Luiz Freire (CCLF), o grupo elaborou um projeto solicitando recursos financeiros para a compra de instrumentos e a elaboração do figurino para o espetáculo que estava sendo montado. O CCLF encaminhou o projeto para a FASE-NE (Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional) – ONG sediada em Recife. Mas o fruto desse contato seria ainda maior do que a disponibilização de parte da verba solicitada. Devido a um projeto chamado “Na palma da

mão”, também coordenado pela ONG (FASE-NE), em que o grupo musical ‘O RAPPÁ’ fazia parte, dava-se início à relação entre esse grupo e o Majê Molê.

Assim, através da FASE, o Majê Molê teve a oportunidade de conhecer o grupo O RAPPÁ, sendo esse contato mantido até hoje. O RAPPÁ já foi assistir duas vezes os ensaios do Balé no próprio Nascedouro, quando convidou dois percussionistas do grupo para tocar com a banda no Abril Pro Rock²⁶. Estes integrantes também foram convidados para tocar com o RAPPÁ no VMB²⁷ da MTV, e por último participaram de uma entrevista junto com o grupo no programa de televisão realizado pela Rede Globo, *Programa do Jô*. Estes eventos marcaram uma nova fase na carreira do Balé, que agora passava a ser divulgado também fora do Estado de Pernambuco.

A partir daí, outros contatos foram surgindo e, pela primeira vez, o grupo começava a ser visto de modo mais profissional. O primeiro cachê significativo ocorreu quando o Balé foi convidado a fazer uma apresentação no Rio de Janeiro, para um evento organizado pelo BNDES²⁸ em 2001. Esse era o segundo ano em que o BNDES, juntamente com outras entidades financiadoras, organizava um seminário para discutir as estratégias de apoio a projetos que utilizam arte e cultura no processo educativo de formação de crianças e jovens²⁹. O encontro intitulado “2º Seminário Transformando com Arte: Compartilhando Experiências”, consistiu em três dias de debates, apresentações de resultados de pesquisa, mesas-redondas e mostra de dança. Assim, completando a programação do evento, foi organizada a 2ª *Mostra de BNDES Arte em Ação Social*, onde

²⁶ Festival de Rock que ocorre todos os anos na cidade do Recife. Hoje considerado pela imprensa especializada como o mais importante festival de bandas alternativas do país, recebendo cobertura massiva dos meios de comunicação.

²⁷ Video Music Brasil. Evento organizado pelo canal de televisão MTV, para a premiação dos profissionais da música.

o Majê Molê, juntamente com outros grupos, pôde realizar sua apresentação no Teatro Carlos Gomes – RJ.

O sucesso da apresentação e a credibilidade que o grupo inspirava, fez com que em 2002 o Majê Molê fosse convidado novamente para participar da *3ª Mostra BNDES Arte em Ação Social*, bem como da solenidade de encerramento da comemoração dos 50 anos do banco, realizada em Recife. Neste evento, em dezembro de 2002, o grupo realizava outra apresentação, confirmando a continuidade da relação com o BNDES.

É interessante perceber que a maioria dos grupos que participam destes eventos promovidos pelo BNDES recebe financiamento do banco, o que não acontece com o Majê Molê. Surpreendentemente isso ocorre devido à recusa do Balé em receber verbas para a manutenção do grupo. Segundo eles, tanto o BNDES, quanto o Instituto Ayrton Senna e o POMMAR já mandaram propostas de financiamento para o Balé, e este recusou por discordar tanto das políticas adotadas por muitas das entidades financiadoras quanto da idéia de depender do financiamento para a realização de suas atividades.

A princípio, o grupo acredita que existem muitos outros grupos recebendo dinheiro sem desenvolver ações efetivas para a mudança da situação de crianças e jovens, os quais compõem o público alvo de várias das ações sociais apoiadas pelas entidades acima citadas. A crítica a esse tipo de prática, que se dirige tanto a ONGs quanto aos grupos recebedores das verbas, é algo freqüente, o que faz com que os coordenadores tenham uma posição diferente da maioria dos grupos aptos a receber recursos externos. O caminho trilhado por eles para a sua sustentabilidade se dá através da venda de suas apresentações,

²⁸ Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

²⁹ Site do BNDES. *Noticias*, 03/12/01

deixando claro a antipatia por grupos que recebem verbas e não desenvolvem ações eficazes.

Porém, essa explicação por si só não é capaz de dar conta da variedade de motivos que os levaram a manter essa postura até os dias de hoje. Como já foi dito anteriormente, o grupo começou com a idéia de ser um Balé para crianças do sexo feminino, e atualmente o perfil está mais para um grupo juvenil do que infantil. Este aspecto, de certa forma, acaba sendo um elemento complicador, quando percebemos que a faixa etária geralmente estabelecida para ações sociais voltadas para o público jovem, vai até 21 anos, quando não até 18. Algumas dançarinas já ultrapassaram os 18 anos e todos os percussionistas também passam dessa idade³⁰. Esta seria uma primeira preocupação dos coordenadores que têm como princípio básico o seguinte: “*ou todos recebem, ou então ninguém recebe*”³¹.

Por fim, um outro fator que também pode ser percebido no que diz respeito ao receio em receber financiamento, é o medo de perder o controle do grupo. Segundo G. G., uma das coordenadoras do grupo:

“A gente não quer se envolver com projeto porque veja só, essas meninas sabendo que tem dinheiro, elas não querem mais dançar, não querem ir mais pro ensaio porque sabem que todo mês tem um dinheirinho. E a gente não quer trabalhar com projeto por causa disso. E outra coisa, você trabalhou com projeto, você se acomoda. Faltou isso!, Ah, para o mês chega o dinheiro, a gente compra.”

³⁰ Isso foi o que ocorreu quando o Instituto Ayrton Senna entrou em contato com o Majê Molê e acabou não firmando uma parceria com o grupo.

³¹ Atualmente o Balé está passando por uma fase difícil, onde os coordenadores tentam estimular que as dançarinas mais velhas procurem desempenhar outras atividades dentro do Balé, como na parte de direção, criação, ou mesmo na percussão, mas estas não querem parar de dançar, e sequer cogitam a possibilidade de sair do grupo.

Novamente, o receio de perder o controle da situação acaba sendo um dos motivos que faz com que eles não simpatizem com a idéia de receber verbas externas para a manutenção do grupo.

Não pretendo aqui discutir até que ponto é válida ou não esta atitude, já que todos os membros do Balé (incluindo jovens e coordenadores) vivem em situação bastante difícil em termos financeiros. Algumas dançarinas moram em barracos na favela, em condições precárias, somado aos problemas familiares freqüentes, como alcoolismo, ausência paterna e algumas vezes materna, desemprego. O que gostaria de destacar é que mesmo os coordenadores tendo consciência desses problemas familiares, existe uma série de motivos que levou esse grupo, até o momento, a não receber ajuda, mesmo sabendo que isso poderia melhorar a qualidade de vida de todos que participam do Majê Molê.

Entre os maiores receios estão a perda da motivação, “garra” e união, que fizeram com que o Majê Molê conseguisse crescer através de seus próprios esforços. A recusa por esses possíveis financiamentos pode ser exatamente a tentativa de manter a coesão e o controle do grupo, por mais que isso possa parecer estranho quando falamos em jovens vivendo em condições precárias de sobrevivência.

Assim, aqui busca-se destacar como um grupo, que começou sendo discriminado e marginalizado tanto pela comunidade como por outras esferas da sociedade, conseguiu alcançar uma posição de destaque na área artística³². O início do Balé, marcado pelo preconceito, é algo enfatizado em todos os discursos dos entrevistados, o que ressalta ainda mais a satisfação de serem reconhecidos hoje em dia.

³² Não quero dizer com isso que hoje em dia não sofram discriminação pela situação de classe social, por serem em sua maioria negros ou ainda pela relação com o Candomblé. Porém, de certa forma, a legitimação

Como podemos ver no depoimento a seguir, M. S. (outra coordenadora) explica como o grupo era visto no início de suas atividades.

“No começo o Majê Molê era macumba, um bocado de nega vadia que não tinha o que fazer, que estavam incomodando os vizinhos. Era tudo maloqueira, prostituta, macumbeira”

Ou ainda, se referindo a uma pessoa responsável por acompanhar o grupo durante a estada no Rio de Janeiro:

“Ela é muito branca, muito fina. Ela nunca tinha visto um bando de negro tudo junto maquiado, tentando fazer um trabalho, que talvez ela nem conhecesse o que era o Afro”

No primeiro depoimento percebemos elementos ligados ao preconceito com o Candomblé, bem como a vulnerabilidade da mulher em bairros populares. Mais adiante veremos como o desrespeito à mulher parece ser algo corriqueiro no bairro, e como essa relação sofre modificações após a consolidação e legitimação do grupo.

No segundo depoimento aparecem elementos ligados à raça, *“Ela é muito branca”* vindo logo em seguida a referência a classe social *“ela é muito fina”*. Primeiramente é construída a imagem da pessoa (de fora) em oposição a sua própria (do grupo) situação étnica e de classe social, para posteriormente indicar qual seria a imagem do grupo feita por essa pessoa estranha.

O preconceito e a discriminação marcaram o início do grupo (e até certo ponto ainda estão presentes hoje em dia), quando estes não recebiam os mesmos recursos financeiros, estruturais e de locomoção que outras companhias de dança recebem, ao participarem de festivais. No Abril Pro Rock de 1999 o grupo foi aceito para participar do

do grupo fez com que houvesse um maior respeito por eles dentro da comunidade, e também, de maneira geral, pela classe artística.

evento, mas não teria cachê nem transporte, e ainda teve que se apresentar no chão, quando existiam dois palcos vazios na hora da apresentação.

Mas, como afirma uma das coordenadoras, “*Agora o Majê Molê é como se fosse assim, uma banda boa, O Rappa, a Nação Zumbi*” referindo-se ao reconhecimento e a legitimação do Balé, tanto fora, como principalmente dentro da comunidade. O respeito e a valorização desse trabalho pode ser visto claramente quando andando pelas ruas do bairro com algum dos integrantes do grupo. O reconhecimento do grupo não se deve unicamente ao fato deste ter conseguido desenvolver atividades culturais ocupando, e muitas vezes resgatando, crianças do bairro em situações de risco, mas também por ter conseguido divulgar o nome do bairro, através de suas atividades. Peixinhos agora passava a ser divulgado pelos meios de comunicação de massa, como um local de efervescência cultural³³, onde o Majê Molê tinha um papel fundamental na construção dessa ‘nova’ imagem do bairro. Os aspectos ligados a essa mudança na ‘imagem’ do bairro serão melhor abordados no Capítulo V.

A seguir, para melhor compreender as diversas formas que assume a relação entre os grupos e a comunidade, passo a considerar alguns elementos relacionados às perspectivas de lazer destes jovens dentro e fora do bairro. Esta parte do trabalho busca revelar aspectos importantes das relações que se estabelecem tanto dentro do grupo (entre os coordenadores e os jovens) quanto fora dele (entre o grupo e os outros membros da comunidade, por exemplo).

³³ Até então, na maioria dos casos, Peixinhos era divulgado pelos meios de comunicação como um bairro antes de tudo violento, com altos índices de criminalidade. Veremos adiante como isso incomodava os participantes dos grupos em questão.

4.1.2. Alternativas de Lazer

A importância de saber quais os espaços procurados pelas jovens³⁴ quando em busca de lazer foi um dos temas que surgiram a partir do contato direto com os membros do grupo durante o trabalho de observação e realização das entrevistas. Abordando a questão do lazer, um aspecto surgiu com bastante destaque, tanto durante as reuniões do grupo, quanto nas entrevistas: o ‘fenômeno brega’.

O Brega, estilo musical que durante os últimos anos tem feito muito sucesso em Pernambuco, apareceu repetidamente tanto nos discursos das entrevistadas, quanto nos ‘sermões’ dados pelo professor às dançarinas. Na verdade, essas discussões diziam respeito mais especificamente ao local (dentro do bairro) onde geralmente é tocado esse tipo de música do que necessariamente ao estilo Brega em si.

Por várias vezes pude presenciar os ‘conselhos’ dados pelo professor para que as dançarinas não frequentassem esse tipo de local, onde se toca música brega, por não ser ‘apropriado’ para elas. Isso poderia parecer apenas mais um conselho, diante de tantos outros que os coordenadores costumam dar para o grupo, mas com o tempo pôde-se perceber que o assunto era tido pelo professor como algo mais sério, causando até a saída de uma das bailarinas do grupo, exatamente por não ter cumprido as recomendações. O incentivo dado às dançarinas para que estas busquem locais “mais apropriados” para se divertir, ou melhor, locais que não sejam alvo de confusões, brigas, ou atividades ligadas à prostituição, pode ser visto no próximo depoimento de um dos coordenadores do grupo:

³⁴ Nessa etapa falarei apenas das meninas do grupo Majê Molê, pois este assunto apareceu de forma mais recorrente apenas entre as bailarinas.

“Por exemplo, tem o Maracatu de Malu ali, todas saem no Maracatu. É bom pra você? Então vá. Eu vou pro Afoxé. Vá se embora. É pra esses lugares que vocês devem ir, e não pro Galpão. Hoje mesmo se eu pudesse eu pagava passagem pra tudinho ir ver Milton Nascimento no Recife Antigo, porque esse é o lugar que vocês devem estar” (G.G).

Um dos primeiros problemas destacados pelos coordenadores do grupo, sobre estes locais que costumam tocar brega em Peixinhos (como o Galpão, citado acima) seria o comportamento dos frequentadores destes locais, sua vestimentas e danças, característicos desse estilo musical atualmente³⁵. Porém, depois de um maior contato com o grupo e com o bairro foi possível perceber o que pode significar o fato de frequentar os locais em que tocam esse estilo de música nos fins de semana.

Existem basicamente três locais conhecidos por tocarem Brega em Peixinhos, e esses locais também são sempre associados à violência e à prostituição. O conselho de não frequentar esses lugares, leva em consideração esses aspectos indicados acima, mas principalmente no que se refere ao problema da prostituição. Este é um problema já conhecido pelo grupo, que teve que encarar a saída de algumas bailarinas devido ao envolvimento destas com prostituição ou mesmo com tráfico de drogas.

Como podemos ver no depoimento abaixo, os constantes problemas com violência nesses locais são bastante destacados pelas entrevistadas.

“As casas que tem aqui de show, é tudo, assim, é mais brega. E quando tem esses shows de brega por aqui sempre dá briga, coisa que não presta... sempre tem uma morte, um ferido, um esfaqueado. Aí o jovem vai e termina entrando na vida errada. Porque tem tudo que não

³⁵ Pode-se dizer que existe um ‘novo’ brega, representado geralmente por bandas que utilizam elementos ligados à sensualidade, principalmente das mulheres. As mulheres, na grande maioria dos casos, costumam conduzir os shows que têm nas letras das músicas e nas coreografias um forte apelo sensual.

presta, não é pra gente ficar ali. Tem droga, prostituição, bebidas alcoólicas, tem gente armada, tem ladrão, tem tudo” (M. S. 18 anos).

Ou ainda, de forma mais específica, no que se refere ao comportamento dos homens que freqüentam o lugar, em relação às mulheres:

“Com as meninas também acontece muito o seguinte: porque quando os rapazes vêm, querem dançar. Aí se a menina não quiser, ele vai dizer: Ôxe, tá fazendo o que aqui, se essa menina tá aqui é porque ela faz isso, isso e aquilo outro. Ela vai ter que dançar a pulso comigo. Aí quer dançar, fazer o que quiser com a menina” (M. S. 18 anos).

Pode ser visto facilmente que estes lugares são tidos praticamente como espaços proibidos para as bailarinas. Assim, muitas vezes, o simples fato de dizer que gosta de Brega pode ser interpretado como algo negativo, já que existe uma associação entre o tipo de problema que ocorre nestes locais (que tocam música brega) e o próprio estilo de música.

Assim, podemos entender melhor porque ao perguntar quais os lugares que essas jovens costumam freqüentar quando em busca de lazer, ou ainda, que estilos de música costumam ouvir, quando se referiam ao brega, as respostas apareciam sempre seguidas de uma justificativa, ou mesmo uma explicação sobre o assunto. O estilo musical e os lugares no bairro que costumam tocar esse tipo de música são facilmente confundidos, como podemos perceber a seguir.

Muitas vezes as entrevistadas respondiam enfaticamente às questões apresentadas, dizendo não gostar de Brega, para que não houvesse nenhum tipo de mal entendido quanto ao seu comportamento fora de casa, como pode ser visto no depoimento abaixo:

“Eu não gosto de ir pra Brega, eu nunca fui, não sei nem onde é. Vou pra Cantina Z-4, porque lá tem Afoxê” (M. S. 18 anos).

Outras vezes, ao assumirem gostar de brega, colocam isto como algo do passado, ou seja, costumavam freqüentar esses lugares, mas atualmente não freqüentam mais:

“Antigamente eu ia pra Associação e pro Galpão, lá toca Brega. Mas agora não pode mais ir. G. tá certa de não deixar, disse que agora se a gente for vai sair do Balé. Aí eu não vou mais. Agora que eu entendi que ali não é lugar pra gente. Lá vai gente com a saia bem curtinha, assim, como se fosse se prostituir. Mas sempre quando a gente ia, não ia assim não. A gente ia normal. E tinha gente que ia pro Helena, mas eu nunca fui pra lá não, eu não gosto. Lá é Brega, mas é pior. Parece que lá é uma casa de prostituição” (J.T. 15 anos).

Esse depoimento mostra o controle exercido pelos coordenadores do grupo, ao colocarem de forma clara que o fato de freqüentar estes lugares pode implicar na saída das dançarinas do grupo.

Outro ponto interessante diz respeito à ênfase dada ao tipo de roupa (“normal”) que esta costumava utilizar, em oposição a outras meninas que estariam se vestindo de maneira mais sensual, por serem estes locais também conhecidos pela atividade de prostituição. Apesar de aparentemente existir uma diferenciação entre o lugar ‘melhor’ - como aquele que ela costumava freqüentar - e o lugar ‘pior’ - este sim, mais ligado diretamente a esse tipo de atividade - segundo os coordenadores do grupo, todos os três lugares citados acima seriam utilizados também para prostituição.

Assim, como indício de que o ‘problema’ do Brega não seria o estilo musical por si só, e sim, mais especificamente, os locais que costumam tocar esse tipo de música em Peixinhos, várias dançarinas afirmam procurar outros locais, fora do bairro, quando querem dançar o brega. Como podemos ver nos depoimentos abaixo:

“Eu gosto de Pagode, Brega, Afoxé, Rock só do Rappa. Agora o brega tá fazendo sucesso, mas o povo só gosta de ir pra Associação. Lá não presta. Bora pro Português? Porque no Português só dá gente mais ou menos, assim, um brega no Português dá certo, na Associação não dá. Eu gosto do Recife Antigo, Português...” (C. S. 15 anos).

“Eu não gosto de ir pro Brega, assim, eu gosto de brega, mas eu não gosto de ir pra esses lugares fraquinhos não. Eu gosto de ir pro Português, Internacional, Classic Hall. Eu só gosto, assim, de ir pra lugar bom, que eu vejo que dá pra mim. Porque a pessoa já é, assim, já não tem a vida boa e ainda vai pra lugar que não presta, aí só vai aprender o que não presta” (A.G. 25 anos).

“Agora em outro canto, no Português, é sempre bom, outros ares”
(M. S. 18 anos).

A procura por um lugar “bom”, que “dá certo”, é sempre fora do bairro, como esses lugares citados acima. E ainda, locais como o Clube Português e o Clube Internacional, a casa de shows Classic Hall, ou mesmo o Recife Antigo, são freqüentados em sua maioria por pessoas de classe média do Recife. Nesse sentido, a busca por esses lugares também implica a vontade de freqüentar locais onde se possa encontrar pessoas de outra classe social, já que estamos falando de jovens moradores de um bairro de baixa renda de Olinda. A oposição destacada nos discursos entre os locais do bairro, representados como violentos, com pessoas que não “prestam”, e os outros lugares fora do bairro, como locais que “dão certo”, com pessoas “boas”, também nos leva a perceber a relação que elas fazem entre o elemento classe e a reprodução de estereótipos ligados a este elemento. Ou seja, o ‘bairro popular’ é identificado como lugar propício a atividades proibidas (prostituição e violência), enquanto os pontos freqüentados pela classe média

são identificados como “apropriados”, “bons”, ou “sadios”. Destacando uma relação entre a classe e os lugares de lazer dos jovens.

No entanto, essa visão de que pessoas “corretas”, como as meninas do Majê Molê, não devem frequentar os lugares “mal falados” no bairro, pode ser vista também fora do grupo aqui investigado. O controle social exercido sobre essas dançarinas não ocorre somente pelos integrantes e coordenadores do grupo, mas também por pessoas de fora, como os vizinhos, pais³⁶, tios ou até mesmo as pessoas que costumam lavar carros na frente do prédio onde o grupo ensaia. Todas essas pessoas, acabam servindo como “vigias” das meninas do Balé, comunicando rapidamente aos coordenadores caso alguma delas seja vista nesses locais. Foi dessa maneira que os coordenadores do grupo descobriram que dançarinas frequentavam os “Bregas do bairro”, e proibiriam que estas continuassem a ir para esses locais. Como podemos perceber nos depoimentos abaixo, o controle social exercido pela comunidade, é algo bastante recorrente:

“A gente espera elas dizerem. Mas aí a gente já tá sabendo porque o povo vem aqui na porta contar.” (G.G., coordenadora)

“Falaram que a gente tava indo pro professor, aí ele não gostou” (J.T. 15 anos).

“Se eles vêem alguém do Balé lá, eles dizem: “Vá pra casa porque aqui não é lugar pra você”. Botam as meninas pra casa. Porque eles, os que lavam carro, já conhecem a gente há anos, é como se fosse assim, irmãos. Aí chega aqui e dizem pro professor, fulana tava lá no bar dançando brega” (M. S. 18 anos).

³⁶ Como já foi dito anteriormente, muitas vezes os pais das bailarinas recorrem aos coordenadores do grupo para que eles ajudem a educar ou mesmo controlar as ações de suas próprias filhas.

O controle exercido pela comunidade, em especial pelos lavadores de carro, possibilita que os coordenadores do grupo possam saber sobre a vida das meninas quando estas não estão participando de alguma atividade do grupo. Isto foi o que aconteceu com uma das bailarinas, que acabou sendo expulsa do Balé, após várias conversas com esta dançarina, para que ela parasse de frequentar esses bares, e sabendo que ela continuava a frequentar, através das informações que chegavam até eles, decidiu-se expulsá-la do Balé por mau comportamento.

De certa forma, esse tipo de atitude de “proteção” para com as meninas se deve ao fato delas servirem como uma espécie de modelo para a comunidade. Elas representam as meninas que “deram certo”, que “seguiram o caminho correto”, e isso faz com que pessoas da comunidade, mesmo não tendo maiores relações com o grupo, se preocupem para que estas continuem fazendo um trabalho “bonito”, “digno”, “sinônimo de orgulho” não só para elas, como também para a comunidade que vê o nome de Peixinhos sendo mencionado quando se fala no Majê Molê. O grupo é visto dentro do bairro como “um grupo que deu certo”, o que faz com que outras meninas queiram participar também.

Isso pode ser melhor observado no depoimento a seguir:

“Antigamente as meninas andavam descalças, mal vestidas, sujas. E hoje não, através de G. e o professor conversando com elas, elas andam de sandália, sabem sentar, sabem falar. A gente é o modelo da comunidade, por isso que hoje em dia mães que antigamente criticavam a dança, hoje querem botar as filhas dentro. Porque aqui esse trabalho que as mães não conseguem fazer com os filhos, o professor e G. conseguiram” (A.G. 25 anos).

Neste sentido, o grupo serve como uma referência para a comunidade, como sinônimo de sucesso. Esse sucesso se deve tanto ao fato do grupo ter conseguido manter estes jovens trabalhando em algo “digno”, como também por ter veiculado o nome de Peixinhos através das diversas reportagens realizadas com o grupo. Da mesma maneira que a comunidade apoia e respeita as integrantes do grupo, geralmente o mesmo não acontece com as ex-integrantes do Majê Molê. Na maior parte dos casos, o motivo da saída das meninas se deve a gravidez, o que é visto por todos (coordenadores, vizinhos, parentes, etc.) não só como falta de responsabilidade, mas principalmente, como desperdício de uma grande oportunidade. Isto foi percebido durante as caminhadas pelo bairro com membros do Balé, e o depoimento abaixo reflete este aspecto.

“Muita menina que engravidou e saiu, muita gente é revoltada com elas, porque não deveriam sair. Perderam uma grande oportunidade na vida delas” (S.S. 15 anos).

Com esse depoimento finaliza-se esta seção, reforçando a idéia discutida acima, sobre a busca por espaços de lazer dentro e fora do bairro, salientando o controle social exercido pela comunidade sobre essas meninas que teriam ajudado a divulgar uma nova imagem do bairro de Peixinhos. Desde então, pela primeira vez o bairro passava a ser conhecido não só com um local violento, mas também como um local de efervescência cultural.

A seguir, para dar continuidade à abordagem sobre esta ‘nova fase’ relacionada ao surgimento de grupos juvenis culturais no bairro, passemos a considerar agora o outro grupo que também fez parte da pesquisa: A Biblioteca Multicultural Nascedouro. Porém,

para entendermos como esse grupo de jovens foi formado, é necessário antes explicar o Movimento Cultural Boca do Lixo e sua atuação no bairro.

4.2. O Movimento Cultural Boca do Lixo

Antes de receber esse nome, O Movimento Cultural Boca do Lixo (MCBL) era chamado pelos próprios integrantes de “Movimento Underground”. Algumas bandas de Rock de Peixinhos se organizaram com o intuito de expor suas músicas no bairro, reforçando a necessidade que os artistas tinham em possuir um espaço próprio onde pudessem divulgar e trocar experiências ligadas às suas produções culturais. Assim, a luta inicial foi procurar um espaço que fosse viável à realização de suas atividades, sendo esse local, a princípio, as ruas de Peixinhos.

Por volta de 1993, vários fins de semana foram marcados pela presença de bandas de Rock nas ruas do bairro, que aproveitavam o espaço para reivindicar melhorias para a comunidade, como destacado por um dos integrantes, ao falar sobre o início do grupo (BMN) e da importância desse movimento (MCBL) para a organização da classe artística musical de Peixinhos, e a criação de um espaço de reivindicação dos jovens:

“Era a moda de lambada, né? Aquela alienação rolando mesmo, era só dançar lambada, e a gente tome Rock and Roll na rua e protestando, porque a rua não estava calçada, não tinha saneamento, as escolas defasadas. Era um movimento de protesto.” (R.S., 27 anos)³⁷

³⁷ Para saber mais sobre as relações entre Rock e cultura juvenil no Brasil, ver Soares (1994), Abramo (1994) e Herschmann (2000).

A resposta da comunidade veio rapidamente, e, como parece acontecer em relação a vários tipos de manifestações juvenis (Herschmann, 2000), não foi positiva. Moradores passaram a reclamar do transtorno que eram os shows na frente de suas casas, o barulho, a quantidade de gente, o tipo de música “agressiva”, o visual dos jovens com roupas pretas, alguns com ‘moicanos’ (estilo característico do movimento Punk), enfim, a apresentação de costumes/estilos alternativos parecia conspirar em favor de uma resposta negativa dos moradores, que passaram a chamar a polícia toda vez que os jovens insistiam em organizar esses eventos nas ruas de Peixinhos. Ou seja, o problema continuava existindo: a falta de um espaço de manifestação para os jovens do bairro.

Até então o nome MCBL ainda não existia, mas a vontade de fazer daquele encontro semanal de bandas de Rock algo maior, que extrapolasse a mera realização de shows, fez com que esses jovens organizassem reuniões regulares para tentar organizar e definir o que seria esse movimento. Em 1997, com a ajuda de uma ONG localizada no bairro, ‘Comunidade Assumindo Suas Crianças’, coordenada por um antigo morador do local, o grupo resolveu que seu objetivo a partir de então seria promover um espaço de interação e troca de diversas expressões culturais produzidas no bairro. Assim, não só a música teria seu espaço, mas também a dança, o teatro, a poesia e a pintura.

A escolha do nome do movimento surgiu como uma homenagem às pessoas que lutaram nos anos de 1983 e 1984, contra a instalação de uma estação de transbordo de lixo no bairro. Com a luta dos moradores ao longo de um ano, foi conseguido que o “lixão” não fosse instalado no bairro, sendo transferido para o bairro vizinho de Aguazinha. Assim, em homenagem a essas pessoas que lutaram pelo bairro, o grupo agora tinha um nome: “Movimento Cultural Boca do Lixo”.

Em 1995 foi organizado o primeiro evento promovido pelo MCBL, a I Semana de Cultura em Peixinhos, realizada no CAIC do bairro. Esse evento contou com a colaboração de diversas expressões culturais, como música, poesia, dança e artes plásticas, e teve como preço simbólico para a entrada no evento a doação de 1Kg de alimento não perecível. Esses alimentos arrecadados foram distribuídos para as pessoas que viviam à procura de comida no lixão de Aguazinha.

A partir daí o grupo começou a ter maior visibilidade, e fez desse evento, a ‘Semana de Cultura em Peixinhos’, um marco na organização juvenil do bairro. Cada ano que passava o evento aumentava de tamanho, diversificava cada vez mais a sua programação, incluindo também artistas de outros bairros, chegando em 2002 na sua oitava versão. O evento passou a ser valorizado pela comunidade e também pela mídia, que há pelo menos 5 anos vem divulgando o evento. Assim, no período de outubro a dezembro de cada ano os meios de comunicação – envolvendo imprensa escrita e televisiva – passaram a divulgar um evento idealizado, produzido e executado por jovens de um bairro da periferia de Olinda.

Manchetes como estas apresentadas abaixo, refletem o reconhecimento da mídia na divulgação desse evento:

“Peixinhos ainda respira muita cultura”

(Jornal do Comércio, 22/09/2000)

“Nascedouro é fonte de cultura: *Antigo matadouro de Peixinhos é palco para festival que une música, teatro, dança e vídeo.*”

(Jornal do Comércio – 02/12/2002)

No ano de 2002, a VIII Semana de Cultura, realizada no Nascedouro, pôde contar com exposições, oficinas, concertos, mostra de vídeos, recitais e debates, através de parcerias com diversos grupos de outras comunidades, como Alto José do Pinho, Afogados, Pina, entre outras.

Em alguns desses festivais, o MCBL também pôde contar com a colaboração da Prefeitura do Recife, disponibilizando recursos como o aluguel de som, iluminação e palco. Porém, mesmo o bairro de Peixinhos pertencendo a Olinda, a prefeitura dessa cidade nunca disponibilizou qualquer tipo de apoio ao evento. De uns dois anos pra cá, o festival tem ocorrido praticamente sem qualquer ajuda do poder público, tendo sido a VIII Semana de Cultura marcada pela ausência completa de colaboração de ambas as prefeituras.

Nesses últimos anos, a frustração pela falta de incentivos foi ainda maior, por se tratar de administrações ligados aos partidos de esquerda (Prefeitura de Recife - PT e Prefeitura de Olinda - PCdoB). Na verdade, existia nos grupos a esperança de um maior apoio aos eventos organizados pela comunidade, dado o período de euforia que se seguiu à vitória nas eleições dos candidatos de esquerda naquelas cidades. Assim, ao ver que não teriam qualquer apoio, os jovens fizeram uma passeata pelo bairro dias antes do evento, com o objetivo de mostrar para a comunidade que mesmo sem o apoio das duas prefeituras o evento iria acontecer.

Diante do sucesso desse evento, o grupo resolveu organizar outro projeto, chamado 'POP ROCK', também utilizando as instalações do Nascedouro. Este, mais direcionado a shows de bandas de Rock, no ano de 2002 teve sua terceira versão,

revelando mais um projeto que deu certo e, ao que tudo indica, de agora em diante passará a constar no calendário de eventos culturais do bairro.

Talvez devido ao sucesso que vêm sendo as Semanas de Cultura de Peixinhos, em relação a este outro evento a mídia vem dando atenção desde seu início, contribuindo para a divulgação e legitimação do projeto. Manchetes como estas podem ser vistas nos jornais em circulação da cidade:

“Rock para salvar o Nascedouro”
(Jornal do Comércio 20/04/2000)

“Terceira edição do festival Pop Rock de Peixinhos acerta na programação”
(Jornal do Comércio – 27/04/2001)

A organização de eventos como estes foram importantes para a divulgação de manifestações culturais no bairro, como também o estabelecimento dos grupos num espaço “próprio”, contribuíram para o fortalecimento do movimento. A busca de um espaço no bairro está presente em todas as falas dos entrevistados e parece ter constituído um elemento fundamental para o desenvolvimento do grupo, bem como para sua consolidação. Assim, na próxima seção, irei me referir a como se deu a busca por um espaço no bairro, e como o grupo chegou ao antigo Matadouro.

4.2.1. Por que o Matadouro?

A ocupação do antigo Matadouro pelo MCBL, pode-se dizer, se deu a partir de dois momentos distintos. O primeiro ocorreu quando o grupo procurava por um espaço

físico capaz de dar suporte aos eventos que vinha organizando, as ‘Semanas de Cultura’, e posteriormente pela procura de uma sede para o movimento.

Primeiro momento da ocupação - Eventos

No início, o problema foi encontrar espaço para a realização de shows sem que os moradores fossem incomodados, como foi mencionado anteriormente. Chegando na área do antigo Matadouro, o problema passou a ser a escolha do(s) local(is) onde seriam realizados os eventos, diante de um espaço tão amplo como aquele. Embora não existissem locais apropriados para o que se pensava fazer, existia sim, muito espaço livre, mas completamente tomado por entulhos, ferragens e lixo. Prédios sem telhados, sem janelas, e até mesmo paredes inteiras removidas do interior dos prédios, compunham um visual caótico à primeira vista. Mas, se antes o problema era falta de espaço, realmente agora isso parecia estar resolvido.

Um dos galpões, onde anteriormente era feita a matança dos bois, sem motivo aparente, estava em melhores condições que outros prédios, e foi assim escolhido para a realização do evento. Neste local o grupo limpou a parte interna e externa, retirou o mato, colocou um cadeado no portão, e o elegeu para ser um dos locais de realização da Semana da Cultura.

Mas a escolha desse espaço não se deu unicamente pela facilidade em ocupá-lo – uma vez que parecia “não pertencer a ninguém”³⁸.

A escolha desse espaço pelo MCBL se deve tanto à necessidade de um espaço físico apropriado para o desenvolvimento de suas atividades, quanto à tentativa de afastar

do lugar a criminalidade que vinha se expandindo sem o controle da comunidade ou dos órgãos públicos responsáveis. A tentativa de fazer do local um lugar antes de tudo seguro, onde as pessoas pudessem ir sem se sentirem ameaçadas, foi parte importante na escolha do grupo em utilizar os espaços do antigo Matadouro.

Um outro fator importante que também deve ser levado em consideração foi o descaso da Prefeitura do Recife com o local, o que acabou facilitando a entrada do grupo. Ou seja, parece não ter havido muita resistência do poder público, o que facilitou, a princípio, a ocupação do espaço.

Segundo momento da ocupação - Sede

A segunda fase da ocupação ocorreu quando o grupo procurava um espaço para ser sua sede. Um local “próprio”, agora mais do que nunca, se fazia necessário, devido a um novo projeto que iria ser realizado.

Alguns membros do MCBL se organizaram com o intuito de fazer uma biblioteca comunitária no bairro, chamada *Biblioteca Multicultural Nascedouro*, fazendo referência ao novo espaço que vinha sendo criado por eles, em conjunto com os outros grupos que ocupavam o local. Assim, o local escolhido para a realização desse projeto foi uma das salas do único prédio em funcionamento, que já contava com a presença do CSU, do Grupo Majê Molê e do Grupo da Terceira Idade. Dessa maneira, dá-se início a uma nova fase do MCBL, que passa também a coordenar uma biblioteca comunitária no bairro, como veremos a seguir.

³⁸ O espaço abandonado do antigo Matadouro vinha sendo gradativamente utilizado por criminosos, tanto do

4.3. Biblioteca Multicultural Nascedouro

Fundada no ano de 1999, a Biblioteca Multicultural Nascedouro (BMN) tem desenvolvido suas atividades no intuito de disponibilizar um espaço agradável e criativo para o convívio de moradores da comunidade.

A idéia de fazer uma biblioteca surgiu quando alguns jovens do MCBL participaram de uma curso oferecido pelo Centro de Cultura Luiz Freire (CCLF). O nome do curso foi “Produção e Gestão de Projetos Culturais”, que, segundo um dos integrantes do grupo, consiste numa área de atividade importante com a qual todos os artistas deveriam ter contato:

“Uma coisa que a gente sempre comentava lá no CCLF, é que muitos artistas aqui sabem fazer sua arte, mas na hora da prática, de vender seu peixe, não sabe. Então a gente tinha que dominar essa parte também, de fazer projeto, captar recursos, de divulgar” (C. C.,26 anos).

Como trabalho final do curso, os alunos tiveram que criar um projeto, utilizando o conhecimento que haviam adquirido durante as aulas. Assim, em parceria com o CCLF, o que era apenas uma prova final do curso, acabou tornando-se realidade. O apoio institucional e operacional do CCLF foi fundamental para a realização desse projeto, já que esses jovens não tinham o conhecimento necessário para gerir uma biblioteca.

Passada a fase de elaboração do projeto, que segundo um dos membros teria sido impossível sem a ajuda da ONG: “O CCLF que deu a roupagem mesmo, a cara de projeto, a linguagem de projeto” (R.S. 27), a próxima etapa seria a procura por financiamento. O projeto foi inscrito em vários programas de financiamento, sendo

bairro quanto de fora dele, como um local de ‘desova’, como já foi apontado anteriormente.

finalmente aceito pela UNICEF. Assim, de 2000 até 2002 a UNICEF tem apoiado o grupo, disponibilizando bolsas mensais para cada integrante (5 pessoas), como também o financiamento para a compra de materiais de consumo a cada 3 meses.

Como a biblioteca não tem a documentação legal necessária para responder sozinha pelo projeto, mais uma vez o CCLF trabalha como intermediador dessa relação entre a UNICEF e a BMN, sendo responsável por repassar o dinheiro para os jovens. Atualmente, se estuda a possibilidade de renovação do contrato. [Mais adiante esse tema (*financiamento*) será retomado, bem como os projetos para o futuro do grupo.]

A biblioteca conta hoje em dia com 5 jovens ‘gestores’³⁹, 2 colaboradores, uma técnica em documentação e uma bibliotecária. As duas últimas pertencem ao CCLF e são responsáveis por dar o apoio técnico necessário ao grupo.

Localizada numa sala do segundo andar do prédio principal do Nasedouro, seu acervo conta com cerca de 2.000 títulos⁴⁰, sendo estes divididos em enciclopédias, romances, livros escolares e revistas infantis. As instalações são bem modestas, o que se deve tanto à estrutura do prédio, quanto à falta de verba e espaço para a ampliação da biblioteca. A maioria dos usuários é composta por crianças que vão em busca tanto de livros para a realização de pesquisas escolares, quanto à procura de revistas infantis. O segundo maior grupo freqüentador é o de jovens, que também diversificam suas áreas de interesse entre pesquisas para trabalhos escolares e romances.

³⁹ Categoria utilizada pelo grupo para destacar os responsáveis pela biblioteca que recebem uma ajuda de custo do UNICEF. Os ‘colaboradores’ seriam os ‘voluntários’, que mais adiante entenderemos por que eles rejeitam essa denominação (‘voluntários’).

⁴⁰ Todos os livros foram conseguidos através de doação de moradores do bairro e amigos. As editoras não doaram quase nada, segundo um dos entrevistados.

As atividades da biblioteca vão além do simples empréstimo de livros, contanto também com oficinas de leitura e produção de textos, organização de recitais de poesia, rodas para contar histórias infantis e orientação à pesquisa escolar⁴¹. A proposta é exatamente fazer uma “biblioteca viva”, capaz de atrair os moradores do bairro:

“A idéia não é um lugar que se guarda livros, é um centro de difusão e criação também de informação. O método de repassar, de fazer circular a informação tem que ser associado ao lazer, senão ninguém vai procurar isso aqui. Por que tanta gente sai da escola? Porque a escola não dá lazer, é uma obrigação, aí o pessoal não agüenta” (D.O. 21 anos).

E ainda,

“Não vamos produzir justamente esse ensino que a escola reproduz, de você decorar e não aprender. Porque a experiência que nós temos é uma experiência falida. A gente pegou a gente como exemplo” (C. C. 26 anos).

É interessante identificar como o acesso à informação é algo fundamental na proposta da biblioteca. Eles defendem que a informação deve circular de maneira diferente, discutida, negociada e não simplesmente imposta. A inspiração para a realização de um espaço “diferente” para o convívio social, parte das experiências escolares de cada um. Todos acabam falando das lembranças negativas das escolas que frequentaram, todas públicas, criticando a maneira em que eram passadas as informações, quando isto era feito. Isso pode ser visto no depoimento a seguir:

⁴¹ Atualmente o grupo está finalizando um projeto chamado “Contadores de Histórias”. A proposta é apresentar o projeto para as editoras para que elas financiem o grupo, que teria como trabalho contar histórias infantis dentro das escolas. Assim eles estariam incentivando as crianças a ler, e também divulgando os livros de cada editora.

“A questão da educação na escola é horrorosa, é um método que afasta todo mundo. Aí quando eu vi que o pessoal trabalhava com educação infantil, aí eu vi que tinha um jeito de mudar justamente essa questão da informação nos métodos de educação” (D.O 21 anos).

Quando questionados sobre os motivos que os levaram a escolher uma biblioteca como forma de intervir em sua comunidade, ou melhor, como eles viam que o uso da leitura poderia ajudar a modificar a realidade do local (já que esses se viam incomodados com a forma com que eram passadas as informações para crianças e jovens), as respostas eram sempre muito enfáticas e coincidiam nos vários depoimentos. Isto sugeria que a escolha por essa ferramenta “cultural” se deu depois de uma ampla discussão sobre a importância da leitura para o desenvolvimento do pensamento crítico do ser humano, já que o objetivo desse grupo seria tentar modificar a realidade do seu bairro através de atividades culturais ligadas à escrita e à leitura de textos, livros e poesias.

Como veremos a seguir, alguns depoimentos retratam o que acaba de ser argumentado:

“Com a leitura você forma um ser humano crítico, porque a pessoa que não lê ela é facilmente manipulada, porque ela não tem esse hábito de questionar. Aí quando você lê, você questiona, abre seus horizontes, você não fica só assistindo aquela Novela da Rede Globo” (R.S. 27 anos).

“Se as pessoas começam a enxergar a leitura de uma maneira crítica, alegre e prazerosa, isso muda a vida das pessoas. Não a curto prazo, imediato, né?” (D.O 21 anos).

“Se você tem uma educação boa, você pode questionar, pode pensar por si próprio... como as pessoas falam ‘o Brasil é o país do analfabeto com fome’. Eu acho que a leitura é uma coisa que a gente pode utilizar pra reverter esse quadro” (C. C.. 26 anos).

Assim, fica claro que a tentativa de fazer algo prático, capaz de mudar a realidade do bairro, faz parte do discurso dos participantes desse grupo. A constatação de uma escola pública defasada, e a valorização dada tanto ao acesso à informação quanto à compreensão, de forma crítica e contestatória, puderam ser vistos como elementos inspiradores para o desenvolvimento desse projeto.

4.3.1. A Construção de Redes Sociais

Como já foi mencionado anteriormente, a BMN, no período de 2000 a 2002, contou com o financiamento da UNICEF para o desenvolvimento de suas atividades. Porém, além deste convênio com a UNICEF podemos perceber a constituição de uma ‘rede social’ mais ampla, que vai desde o contato inicial com o CCLF (na fundação do grupo), até novos contatos estabelecidos recentemente com outras instituições.

O uso do conceito de ‘redes sociais’ tem sido bastante freqüente nos estudos recentes sobre a constituição de novos atores sociais e/ou movimentos no cenário político e social brasileiro. (Barnes, 1987; Scherer-Warren, 1999).

Segundo Scherer-Warren (1999) “nos cenários da globalização, essas redes tendem a articular sujeitos de várias escalas, das mais locais às mais globais” (p.17). No entanto, apesar dessa assertiva geral sobre a formação de redes sociais, a autora destaca que uma definição mais estreita do termo torna-se algo fundamental devido à abrangência e diversidade com que o conceito tem sido utilizado recentemente em diferentes campos do conhecimento. A extensiva utilização do termo ‘rede’ parece ter contribuído para uma certa dificuldade em usá-lo enquanto conceito analítico passível de operacionalização.

Para ressaltar os elementos que irão fazer parte da análise aqui desenvolvida, considere-se o comentário de Scherer-Warren a respeito da conceitualização utilizada por Alberto Melucci:

“Melucci introduz a idéia de rede como uma área de movimento, formada por pequenos grupos, e indivíduos que compartilham de uma identidade coletiva e de uma cultura de movimento, comportam mensagens simbólicas que desafiam os padrões dominantes, propondo inovações culturais. Redes submersas, baseadas em códigos culturais e solidariedades construídas no cotidiano, podem tornar-se redes com visibilidade (articulações políticas) quando pequenos grupos se mobilizam para interferir nas políticas públicas” (Scherer-Warren, 1999: 26).

Estes elementos são melhor visualizados quando focalizamos a maneira específica como os grupos investigados buscaram construir suas relações com outros atores, e como uma ‘rede’ foi estabelecida neste contexto. Aliás, o aspecto apontado por Melucci, da “visibilidade” que essas redes podem alcançar, é bem ilustrado no caso aqui analisado. A visibilidade e a influência (que veremos a seguir) alcançadas pelo grupo só foram possíveis devido ao contato com outros grupos e/ou esferas da sociedade (outras comunidades, instituições financiadoras, poder público, etc.).

Na intenção de buscar uma maior institucionalização de seu trabalho, os membros da BMN passaram a priorizar o aspecto operacional/gerencial de suas atividades. Com isso, objetivos foram traçados, metas foram estabelecidas e o planejamento das atividades passou a ser algo corriqueiro. O desenvolvimento deste aspecto do trabalho parece ter dependido fundamentalmente da assimilação de uma ‘linguagem de projetos’ (Fernandes,1994: .67)⁴². O ‘projeto’ é uma idéia que está presente em todas as atividades

⁴² Fernandes chama atenção para a importância da ‘figura do projeto’ na institucionalização de determinadas práticas sociais a partir da constituição de ONGs desde o final da década de 1970. Segundo o autor, a

desenvolvidas hoje pelo grupo. Expressões como as que seguem são constantes: “temos que elaborar um projeto”, “precisamos enviar o projeto”, “temos que fazer outro projeto”. “temos que procurar órgãos financiadores para o projeto” e também, “o projeto não foi aceito”. Todo este processo, que em última análise, marca uma profissionalização das atividades desenvolvidas pelo grupo, colaborou para a construção de uma ‘rede social’ que ampliou os meios necessários para a realização das ações. Uma linguagem ‘gerencial’ foi incorporada e uma rede de contatos foi estabelecida. Essa ampliação no campo de possibilidades de atuação pode ser vista a partir de vários ângulos.

No que se refere às relações estabelecidas pela BMN com outros grupos na constituição de uma rede de contatos, foi possível identificar pelo menos três esferas distintas.

Primeiro, identifica-se a existência de uma relação mais estreita com outras comunidades de baixa renda da Região Metropolitana do Recife. Como é o caso das comunidades do Alto José do Pinho, o Movimento Desabafa Pina (no Pina), Alto Santa Terezinha, Afogados, com o ‘projeto’ Farinha do Rock, entre outros. Cabe salientar que isto não significa que o contato entre estas comunidades seja algo essencialmente novo (até porque estas comunidades já possuem uma longa experiência de mobilização social na história dos bairros de Recife). No entanto, o tipo da relação agora desenvolvida entre grupos destas comunidades (e em específico ‘grupos juvenis’) parece destacar a importância de um novo elemento, a produção cultural desenvolvida nesses bairros.

Hoje, para além de instituições já historicamente estabelecidas nas comunidades – como as associações de moradores – os grupos juvenis (como a BMN) passam a

incorporação da idéia de ‘projeto’ significou não somente a assimilação de uma lógica pragmática por parte

estabelecer redes próprias. As relações entre estes novos grupos possibilitam uma maior circulação de informações vinculadas à área de interesse comum entre eles, a da produção cultural. São frequentes as discussões sobre assuntos ligados a eventos, financiamentos, projetos, além das discussões sobre os problemas sociais de cada comunidade.

Em segundo lugar, amplia-se também o contato do grupo (BMN) com os órgãos públicos. Atrelado ao fato de que esses jovens estão utilizando as instalações de um prédio que pertence a Prefeitura do Recife, bem como a existência do projeto de revitalização do Antigo Matadouro (coordenado pelo Governo do Estado), estabeleceu-se um canal de diálogo entre esse grupo e o poder público. A participação direta nas discussões sobre a revitalização do local possibilitou um maior conhecimento da estrutura político-burocrática do Estado (secretarias, departamentos, divisões, etc.), o que fez com que esses jovens construíssem um tipo de relação mais estreita com alguns setores do poder público. Estes contatos se dão desde medidas simples, como a solicitação de liberação de espaço para um determinado evento – já que anualmente eles realizam ao menos dois – até uma participação mais direta e propositiva nas reuniões semanais organizadas pela FIDEM sobre a transformação do local no *Nascedouro de Cultura*. Com isso, é importante identificar que o grupo passa também a ser reconhecido pelo poder público enquanto uma expressão do bairro, o que em si indica um maior amadurecimento de suas atividades.

A terceira esfera é a das Organizações Não Governamentais (ONGs). Os contatos vão desde relações estabelecidas com ONGs sediadas no Estado, como o Centro de Cultura Luiz Freyre e GESTOS, até convênios e/ou informações sobre órgãos internacionais, como UNICEF, POMMAR (EUA), GTZ (Alemanha) e UBV (Suécia).

dos atores da sociedade civil, como também possibilitou a própria operacionalização de suas práticas.

Aliás, cabe salientar que hoje a BMN conta com uma parceria constante com a ONG UBV – Cooperação Técnica Sueca, a qual mantém um técnico junto ao grupo (por um período previsto de 2 anos) para auxiliar/orientar no estabelecimento de atividades ligadas à comunicação.

Todas as entidades internacionais acima citadas foram mencionadas nas conversas com os jovens da Biblioteca, como instituições com as quais eles já tiveram algum tipo de contato. Até o momento, efetivamente apenas a UNICEF e a UBV colaboraram com o grupo. No entanto, o aspecto mais interessante a ser percebido neste caso é como o estabelecimento de uma rede de contatos, inicialmente através da ajuda do CCLF, e dos contatos firmados com outras comunidades, possibilitou a um grupo de 5 jovens, de uma comunidade carente da periferia de Olinda, com base numa precária infra-estrutura – sem sequer contar com a existência de linha telefônica no local –, o acesso a importantes instituições financiadoras, nacionais e internacionais.

Desta maneira, torna-se visível, nas falas dos informantes, como a constituição de uma rede social, abrangendo as três esferas acima mencionadas (outras comunidades, poder público e ONGs/Cooperação Internacional), contribuiu para a ampliação e consolidação da participação desses jovens na sociedade.

No entanto, o problema do financiamento das atividades, bem como a própria manutenção do grupo, sempre envolve a questão da ‘autonomia’ do grupo, enquanto possibilidade de gerir seus próprios recursos. O tema é bastante recorrente no discurso dos participantes da BMN. Por um lado existe a convicção de que inicialmente é necessário receber ajuda externa. Por outro lado existe a vontade de que esta ‘dependência’ dos

recursos externos possa ser superada num futuro próximo, como evidenciam os seguintes depoimentos:

“Mas a gente não pretende ficar só nessas ONGs. A gente não quer ficar só esperando aprovação de projeto”(C. C. 26 anos).

“A gente não pensa em ficar dependente de financiadores. A gente tem um projeto de fazer uma lojinha cultural da biblioteca pra gente se auto-sustentar. A gente gostaria de vender papel reciclado, boneco de papel marchê, acessórios pras bandas mesmo. Como a gente trabalha muito com eventos, a gente já pensou em fazer ‘cases’ [local para guardar instrumento] com a marca do movimento, bolsas pra guardar pedaleira, vender cartões, agendas de papel reciclado” (R.S. 27 anos).

Um outro fator que contribui para essa vontade de não mais depender financeiramente de outra instituição é a política adotada por alguns órgãos financiadores, como a própria UNICEF. O atraso no repasse das verbas foi algo freqüente durante o desenvolvimento do projeto, o que acabou levando a um alongamento no prazo para término do contrato, que antes estava previsto para o fim de 2002 e acabou se estendendo até 2003. Mas a crítica principal não se refere apenas ao atraso de verbas, e sim à inexistência de verbas para custear gastos com ‘recursos humanos’. Atrelado à “constatação” de que essas instituições não costumam financiar gastos com recursos humanos, existe uma política por parte dos financiadores em incentivar o *trabalho voluntário*, mas a posição contrária a esse tipo de política é clara e direta no discurso dos participantes do grupo:

“A gente discorda dessa moda que rolou, e tá rolando até hoje do voluntariado. A gente discorda assim, vai numa comunidade carente, pega uma pessoa pra ela ser voluntária na escola. De certa forma você está tirando a responsabilidade do Estado de manter a escola...então os financiadores financiam tudo, fazem tudo o que você quiser, mas quando bota ‘recursos humanos’ não querem pagar. Querem que você

trabalhe como voluntário, e aí não dá, né? Vai ser voluntário pra vida toda?” (R. S. 27 anos).

Assim, ao discordarem da utilização do trabalho voluntário, os entrevistados revelam ao menos três elementos importantes contidos nessa crítica. O primeiro ponto da crítica se refere à própria condição sócio-econômica de moradores de bairros de baixa renda que eventualmente se envolvem em trabalho voluntário. Neste sentido, a crítica sugere que adotar trabalho voluntário com a utilização dessa mão-de-obra significa perpetuar uma situação de injustiça social. Ou seja, o ‘voluntário’ nesse contexto nada mais seria do que ‘mão-de-obra barata’ (ou ‘não-paga’). Este ponto é reforçado no depoimento a seguir:

“Agora, se você pega um dentista que vai atender aquela comunidade, então você tá fazendo um trabalho ali. Mas como é que o pessoal da comunidade que já é carente vai fazer isso? É contraditório.” (R. S 27 anos).

A segunda crítica à utilização de trabalho voluntário é direcionada a um possível retraimento do Estado nas questões sociais. Assim, o fato de aceitar a utilização do trabalho voluntário é visto com desconfiança, já que poderia estar contribuindo para uma desresponsabilização do poder público para com a sociedade, especialmente em se tratando de um contexto de escassez de serviços providos pelo Estado.

Um terceiro elemento da crítica se relaciona mais diretamente à condição dos próprios entrevistados, enquanto ‘profissionais’ que tentam se inserir no mercado de trabalho. Em boa medida, este tipo de trabalho (o projeto da Biblioteca) é visto por eles como a continuação de um processo de profissionalização. Ou seja, também eles, em certa medida, vêm-se como mão-de-obra não remunerada. E mais, mão-de-obra qualificada.

Neste sentido, esta forma de atividade é encarada como um caminho alternativo de profissionalização e inserção destes jovens no mercado de trabalho.

Com estes elementos, finaliza-se a seção do trabalho relacionada à formação dos grupos e de suas 'redes'. Como eles (tanto a BMN quanto o Grupo Majê Molê) estabelecem *links* com outros grupos e/ou atores presentes na sua própria ou em diferentes esferas da sociedade.

Além dos aspectos já relacionados acima, é importante perceber como o resultado final deste processo de formação/inserção em redes sociais – através das quais eles buscam uma maior participação na sociedade – significou também o desenvolvimento de uma postura crítica no que diz respeito às próprias relações que se estabelecem num 'ambiente de rede'. Neste sentido, podemos perceber, por exemplo, uma posição contestadora (e às vezes até contraditória) entre os grupos aqui analisados e as entidades que propõem 'parcerias' com eles. Esta postura crítica vai desde uma quase negação em desenvolver 'parcerias' com grupos externos à comunidade, como é o caso do grupo Majê Molê, até uma certa 'seletividade crítica' que os membros da BMN apresentam ao se relacionarem com os 'agentes financiadores' de seus projetos.

Esta 'visão crítica' em relação ao recebimento de recursos externos não significa uma completa negação em estabelecer 'parcerias', mas uma aceitação seletiva. Indicando que ao menos existe uma busca de negociação quanto à clareza dos objetivos e metas desses grupos (do bairro) em relação ao que é proposto nestes 'convênios'. Em última análise, isto resulta numa atuação mais crítica no contato com outras entidades, grupos, ou movimentos, em benefício dos seus objetivos, de vencer os preconceitos e alcançar o reconhecimento social.

CAPÍTULO V

DA CONQUISTA DO ESPAÇO PÚBLICO À CONQUISTA DA MÍDIA: um novo modelo de participação juvenil

5.1. Do preconceito ao reconhecimento

Como já foi dito anteriormente, o início das atividades de ambos os grupos, foi marcado por preconceito e discriminação dentro do próprio bairro. Esse é um tema bastante recorrente quando perguntado aos jovens sobre a relação que eles estabelecem com os moradores do bairro. Os depoimentos sempre enfatizam a mudança ocorrida no que diz respeito à receptividade da comunidade às suas ações, visto que hoje em dia, esses grupos são tidos como ‘modelo’ de organização e participação em Peixinhos, contrastando com o período inicial, quando a comunidade não parece ter agido positivamente ao aparecimento destes grupos. O preconceito e a discriminação com as atividades desenvolvidas por eles parecem ter sido os principais problemas enfrentados por estes jovens.

“Os vizinhos não estavam ligados na questão social que o movimento queria, mas eles se incomodavam com o barulho, que era Rock and Roll, Hardcore, Punk Rock, é bem agressivo. Tinha a questão do visual também que incomodava” (R.S. 27 anos BMN).

“Lá vai as macumbeiras, catimbozeiras, se colocar pisca-pisca nesses pitós vai parecer uma árvore de natal”. (M. S. 18 anos Bailarina).

“Quando eu comecei a estudar música, muitos diziam: “Música é pra vadio, vai procurar emprego” (G.F. 21 anos. Percussionista).

“Diziam que o professor só estava cevando pra depois colher. Agora todo mundo vê que o professor é respeitador”(J. T. 13 anos. Bailarina).

Estes são alguns dos diversos depoimentos que ilustram o preconceito sofrido por estes grupos no começo de suas atividades. O primeiro depoimento enfatiza a falta de percepção da comunidade, para entender o que estaria por trás do ‘barulho’ e do ‘visual’ estranho das bandas que faziam suas apresentações nas ruas do bairro. O que estava por trás, como afirmam, era uma visão crítica da sociedade, onde o espaço era utilizado para reivindicar assuntos ligados a problemas sociais do bairro.

O segundo depoimento marca o preconceito, também já discutido no capítulo IV sobre o Candomblé, no caso do Grupo Majê Molê. Este grupo, por utilizar elementos ligados a essa religião em suas músicas, coreografias e figurino, era alvo de comentários preconceituosos e agressivos na comunidade.

O terceiro diz respeito ao preconceito geralmente encontrado no que se refere a profissionais ligados à arte e cultura. Essas atividades muitas vezes não dispõem do mesmo status que outras profissões, o que leva a uma discriminação das pessoas que buscam desenvolver suas habilidades profissionais nessas áreas, no que diz respeito à seriedade de seu trabalho. No caso específico dos jovens, mesmo procurando instituições formais para sua profissionalização, como o Conservatório de Música de Pernambuco e a Escola de Música Jonas Taurino (esta última localizada no próprio bairro de Peixinhos), a reação dos conhecidos continuava a mesma, negativa.

E o último depoimento, refere-se ao fato de ser um professor, do sexo masculino, coordenando um grupo quase que exclusivamente formado por crianças e adolescentes do sexo feminino. A desconfiança de que ‘outros interesses’ envolvessem a iniciativa de

formar esse grupo também parece ter sido um dos problemas enfrentados pelos jovens e coordenadores quando iniciaram suas atividades.

Diante disso, pode-se entender mais facilmente o que significa para esses jovens, atualmente, o fato de serem reconhecidos, valorizados e respeitados pela comunidade em que vivem. Por isso, antes que falassem sobre suas relações com a comunidade hoje em dia, quase todos destacaram alguma experiência negativa quando começaram suas atividades, enfatizando a mudança no tipo de relação encontrada atualmente.

O orgulho de serem pessoas conhecidas no bairro, e a mudança na receptividade dos moradores da comunidade, agora reconhecendo e valorizando suas ações, parece ser um dos principais estímulos encontrados por estes jovens, para continuarem desenvolvendo suas atividades. Para melhor entender a importância dada por eles a esta mudança na receptividade da comunidade às suas ações, passemos agora para alguns depoimentos:

“A leitura não faz parte do cotidiano da família e tem muita gente que procura a gente pra trocar umas idéias. Se esse trabalho não tivesse dando resultado o pessoal não vinha, né?” (R.S. 27 anos).

“Antes, quando a gente começou a trabalhar no CAIC eram os “roqueiro doidão”, aí agora são os “meninos da biblioteca”. Agora quando eu passo as crianças gritam comigo “tio”, “tio”. Vêm mães dos meninos, dar presente pra gente” (D. O. 21 anos).

“Olha eu sou fã de vocês, eu adoro vocês, eu adoro esses pitozinhos, aí a gente fica lá em cima” (C. S. 15 anos).

“Depois que fiz minha primeira apresentação na Sinfônica, foi quando eu fui revelação da Banda Sinfônica, eu dei uma entrevista. Aí a turma que me viu disse: “Parabéns, eu fui lá, eu vi.” Aí foi mudando, né? Viram que não era o que eles estavam pensando.” (G. F. 21 anos).

“Agora eles falam ‘lá vem as meninas do Majê Molê, abre, abre’”
(J. T. 13 anos).

Como podemos perceber, a mudança de ‘rótulo’ como os mencionados acima, de “roqueiro doidão” para “meninos da biblioteca”, de “macumbeiras” para as “meninas do Majê Molê” ou ainda de “vadio” para “músico revelação da Banda Sinfônica”, marca uma nova fase na relação estabelecida entre estes jovens e a comunidade em que vivem. Seus grupos agora são conhecidos e valorizados pela comunidade, o que reforça a vontade de continuar desenvolvendo suas atividades.

Segundo Herschmann, a questão da ‘visibilidade’ aparece como um elemento importante para esses jovens moradores de bairros pobres nos centros urbanos. Ou ainda, a participação dos jovens de baixa renda em grupos culturais, como temos visto em diferentes localidades do país, garante a estes jovens “visibilidade, reconhecimento e recurso” (Herschmann, 2000:283). Através da exposição de suas ações, esses jovens passam a ser reconhecidos e valorizados, possibilitando também algum retorno financeiro. A ampliação de suas possibilidades permite que esses jovens possam também se manter financeiramente através da produção cultural desenvolvida por eles, fato ainda mais importante, quando nos referimos a jovens de camadas baixas, em sua grande maioria carentes de recursos mínimos necessários para se especializar em alguma atividade profissional. A participação nesse tipo de grupo, pode significar também uma outra alternativa para inserção desses jovens no mercado de trabalho.

Porém, além destes três elementos destacados por Herschmann (visibilidade, reconhecimento e recurso), pude perceber uma outra ‘conquista’ destacada por estes jovens após formarem os grupos em sua comunidade: o respeito. Além desse ter sido um

elemento bastante destacado pelos jovens, ao falarem da relação estabelecida com os antigos freqüentadores da área do Nascedouro no momento em que ocuparam o local, agora o 'respeito' pode ser visto também segundo uma outra perspectiva. Como vemos no depoimento abaixo, a vulnerabilidade das bailarinas do grupo Majê Molê, no que se refere ao desrespeito a elas, envolvendo principalmente a questão da sexualidade, parecia ser um problema diário na vida destas jovens, quando caminhavam pelas ruas de Peixinhos.

“Antes, quando a gente passava ficavam perturbando com a gente, e agora não, respeitam. Eles falam, ‘ não mexe não que aí é a menina do Majê Molê’”(D. S. 17 anos).

“Antigamente falavam ‘lá vem aquela rapariguinha, aquela vagabunda’. Agora não, ‘lá vem a menina do Majê Molê, é a filha de C..’ Esse povo daí da frente agora respeita a gente, conhece” (C.S. 15 anos).

“Os meninos aqui da frente respeitam muito a gente e às vezes até protegem. Se chegar alguém e ficar falando, ‘que menina bonitinha’. eles falam ‘ei meu irmão, sai daí que são as meninas do Majê Molê’ . Aí o cara se sai e pronto” (M. S 18 anos).

Como podemos perceber, grande parte dos problemas enfrentados por estas jovens, vinha da própria relação com as pessoas que já costumavam freqüentar o Nascedouro, que hoje em dia lavam os carros na frente do prédio principal. O desrespeito a estas meninas parecia ser algo freqüente, já que pelo menos três vezes por semana as mesmas freqüentavam o local para ensaiar. A conquista do respeito dessas pessoas, que agora passam a admirar o trabalho desenvolvido pelo grupo, e até 'proteger', “quando necessário”, significa uma das maiores mudanças ao se tratar da relação entre estas jovens e a sua comunidade.

O ‘título’ de *Meninas do Majê Molê* também é destacado como sinônimo de orgulho. Esta maneira pela qual as pessoas do bairro passam a se referir a estas jovens colabora para a construção de uma nova identidade, agora baseada no respeito, orgulho, etc. Além de não serem mais xingadas nas ruas, passam a ser reconhecidas como parte de um grupo que é sinônimo de orgulho para o bairro, e algumas vezes são ainda mais particularmente identificadas, como vimos acima “menina do Majê Molê, filha de C.”. Isso marca uma mudança significativa na vida e no comportamento familiar⁴³ e social dessas jovens, que passam a ser vistas como modelos de comportamento na comunidade.

Um outro elemento também destacado por alguns entrevistados, ainda sobre o respeito adquirido pelo grupo, diz respeito às visitas, antigamente freqüentes, de policiais no local. Como o antigo Matadouro era bastante conhecido por suas atividades criminosas, as chamadas “batidas policiais” também ocorriam com certa freqüência, o que deixava os participantes dos grupos preocupados, já que muitas vezes não havia a distinção entre quem poderia estar fazendo algo de errado e o restante das pessoas que costumavam freqüentar o local.

Apesar do receio, os entrevistados afirmam que a polícia nunca os atrapalhou, ou sequer os confundiu com outras pessoas que costumavam ser revistadas e algumas vezes presas no próprio local. Como explicam:

“A polícia não aparece mais lá, como aparecia direto (...) e no Majê Molê eles nunca entraram”(S.S. 15 anos).

⁴³ Muitas entrevistadas destacaram mudanças no seu próprio comportamento dentro de casa, como por exemplo, respeitando e obedecendo mais os pais. Também apontaram mudanças na atitude de seus pais para com elas. Muitas vezes essa mudança é atribuída ao fato destas jovens contribuírem financeiramente em suas casas, o que levaria a uma maior participação na tomada de algumas decisões no âmbito familiar.

“Quando a gente vai fazer exercício lá atrás, aí o professor sempre manda a gente ir com a camisa do Balé pra se identificar, porque se chegar algum policial sabe que a gente é do Balé” (C.S. 15 anos).

Assim, podemos perceber que a utilização de camisas com o nome do Majê Molê se dá principalmente para que estes possam ser melhor identificados caso ocorra alguma ‘batida policial no local’. O fato dos policiais também nunca terem entrado no porão, onde acontecem os ensaios, também indicaria uma certa confiança por parte destes, que por já conhecerem o trabalho desenvolvido pelo grupo, não teria motivos para desconfiar das pessoas que utilizam o espaço.

Como demonstrado, a identificação desses elementos capazes de mostrar o novo tipo de relação social estabelecida entre os jovens e a comunidade em que vivem, revelam mudanças significativas no cotidiano do bairro. De um início marcado pelo preconceito e desconfiança, aos dias de hoje, onde estes jovens são tidos na comunidade como modelos de comportamento, muita coisa mudou, principalmente porque os jovens sentiram e sentem a receptividade da comunidade às suas ações, valendo destacar a importância dada por eles à nova relação que se estabelece com a comunidade.

Na seção seguinte estaremos analisando como estes atores vêem suas próprias atividades e a relação destas com as transformações recentes no bairro.

5.2. Da página policial à página cultural: reflexões sobre a mídia e a construção da imagem social do bairro

Como já discutidas, as conquistas alcançadas por estes grupos, relativas à atenção que conseguiram pela ocupação do antigo Matadouro, merece aqui melhor aprofundamento. O que pretendo aqui identificar são os elementos comuns expressos pelos jovens participantes de grupos com objetivos distintos, no que se refere à contribuição que eles acreditam estar dando ao seu bairro.

A princípio, podemos perceber mais facilmente a contribuição dada pelos jovens da BMN à sua comunidade, através da organização de uma biblioteca comunitária no bairro. Mas isso não significa que os jovens que participam do grupo de dança Majê Molê também não contribuam de alguma maneira para melhorias em sua comunidade. A decisão de trabalhar com dois grupos juvenis, um claramente voltado para a intervenção em sua comunidade, organizado por jovens (a BMN), e outro organizado por adultos para o público juvenil (o grupo de dança Majê Molê), teve como objetivo principal apreender a percepção que estes jovens, a partir do engajamento em atividades distintas, têm de suas atividades. Mesmo em se tratando de grupos com objetivos distintos, a existência de elementos em comum entre os jovens de ambos os grupos, pôde ser melhor observado quando estes demonstraram suas insatisfações quanto à imagem do bairro de Peixinhos, comumente veiculada pelos meios de comunicação como um local, antes de tudo, violento.

Neste sentido, além das conquistas efetivas, já apontadas ao longo deste trabalho, talvez uma das mais importantes contribuições, do ponto de vista destes jovens, tenha sido

exatamente a tentativa de mostrar para a sociedade um ‘outro lado’ de Peixinhos, diferente daquele representado nos jornais, rádio e televisão. Grande parte das notícias veiculadas por estes meios de comunicação, a respeito do bairro, se referem (ou se referiam) a crimes, roubos, assassinatos, tráfico de drogas, etc.

Quando questionados acerca do que eles identificam como sendo o principal resultado de suas ações, a grande maioria apontou uma mudança na “reputação” do bairro. Antes um bairro ‘violento’, depois uma ‘referência cultural’. Assim, a principal contribuição que eles percebem estar dando, seria a mudança da imagem socialmente construída do bairro. Segundo eles, mesmo que de forma indireta – já que este não estava entre os objetivos iniciais da formação dos grupos – as suas ações resultaram numa mudança na forma como o bairro é atualmente percebido. Esta mudança se deu fundamentalmente em relação à forma como hoje, em contraste com um passado recente, os meios de comunicação têm veiculado imagens sobre o bairro. Assim, segundo a percepção destes atores, Peixinhos deixa de ser representado unicamente como um bairro violento, e passa a assumir também a imagem de um “bairro cultural”, onde uma multiplicidade de novos grupos e iniciativas atraem constantemente a atenção da mídia e do público interessado nas formas de expressão cultural lá desenvolvidas.

O incômodo de serem identificados como moradores de um bairro conhecido principalmente por seus altos índices de criminalidade, nos ajuda a entender porque a veiculação de outras matérias, agora ligadas ao surgimento de vários grupos culturais no bairro, significa uma mudança importante.

“Antigamente eu queria sair de Peixinhos, porque os outros falavam: ‘tu mora em Peixinhos é? Lá só morre gente, só vejo falando na televisão sobre Peixinhos’. (...)Por isso que os meus colegas abusavam comigo: ‘vou nada pra Peixinhos se não eu volto morto, volto nu’. Eu morria de vergonha” (C. S. 15 anos).

“Geralmente era [as pessoas] tudo com medo: ‘vou nada, Deus me livre aquele canto ali, mata-mata” (N. A. 14 anos).

Junto com estes elementos, passemos a considerar o papel ocupado pela mídia nessa suposta transformação da imagem do bairro. Nesse sentido, um elemento que emergiu fortemente dos depoimentos colhidos, foi o uso de um referencial externo (a mídia, ou a opinião pública construída a partir dela) para sustentar tanto uma imagem negativa (no passado) quanto uma imagem positiva (no presente).

As imagens construídas pelos meios de comunicação servem como elemento balizador da formação do discurso dos jovens sobre o impacto de suas atitudes/atividades dentro da comunidade. A forma que eles encontram para legitimar suas ações, bem como para confrontar uma realidade que eles alegam estar contribuindo para transformar, é se utilizando das mensagens que circulam na mídia, tomando-as por representação da realidade. A discussão a respeito da passividade (como oposto de ‘neutralidade’, ou ‘fiel representação do real’) contida nas mensagens da mídia será retomada mais adiante em relação a um outro momento dos depoimentos.

De qualquer forma, o ponto a ser ressaltado aqui é como eles (os jovens) se utilizam do conteúdo das informações veiculadas pelos meios de comunicação para ressaltar a efetividade de suas ações na tentativa de transformar o bairro. As notícias são apresentadas como “provas” dessa efetividade e relevância das ações.

“Eu acho também que a gente tá levantando [o bairro] né? Não só a gente, mas os outros grupos daqui, tá levantando o bairro. Tá aparecendo muito na televisão, nos jornais. Ai sempre tem uma coisa falando de bom” (M. S. 18 anos).

A utilização das notícias divulgadas através da mídia como forma de representar a realidade social do bairro, serve tanto para mostrar que antes Peixinhos só tinha seu nome relacionado a crimes e violência, quanto para indicar a mudança na forma como os meios de comunicação têm divulgado as atuais notícias sobre o bairro.

“Esse prédio só está em pé porque a comunidade entrevistou, virou uma referência esse ponto aqui. Antes era um ponto que só saía na Folha e Bandeira 2⁴⁴, essa mídia especializada na morte” (R.S. 27 anos).

“Aqui só vivia matando gente, era um matadouro mesmo, vendia muita maconha, tinha muita emboscada e hoje em dia é difícil. Antes só tinha Peixinhos na página policial, agora não, é na página cultural, tá pensando o quê?” (M. S. 18 anos).

Essa mudança no ‘rótulo’ do bairro, ou ainda, essa transição do bairro que antes só tinha seu nome escrito nas ‘páginas policiais’ dos jornais locais, e agora passa a ser também mencionado nas ‘páginas culturais’ destes jornais, significa para estes jovens a confirmação do sucesso alcançado com suas ações. A partir dessa nova imagem do bairro hoje veiculada pela mídia, a própria comunidade passa a reconhecer e valorizar os trabalhos que estes jovens vêm desenvolvendo dentro do bairro, assegurando ainda mais a continuidade de suas ações.

⁴⁴ O primeiro diz respeito ao jornal ‘Folha de Pernambuco’, que surgiu recentemente, cerca de 5 anos atrás. O estilo desse jornal causou bastante polêmica na época do seu surgimento por enfatizar matérias relacionadas à violência urbana da RMR, explorando de forma bastante sensacionalista imagens fotográficas de crimes ocorridos na região. Já o Bandeira 2, se trata de um programa de radio, também especializado em dar notícias relacionados a crimes de maneira geral.

Com isso, não pretendo dizer que houve efetivamente uma diminuição nos índices de criminalidade no bairro, ou que nos últimos anos só tenham sido veiculadas matérias nas ‘páginas culturais’ dos jornais. Este trabalho não buscou investigar a relação direta entre formação de grupos culturais em bairros de baixa renda e diminuição nos índices de violência nessas comunidades, até porque acredito que o problema deve ser visto de forma multidimensional, e não como uma relação direta de causa e efeito. Porém, o que parece importante a ser destacado é a percepção que estes jovens têm no que se refere aos resultados, mesmo que de forma não planejada, das ações dos dois grupos investigados.

A constatação da ‘força’ dos meios de comunicação na construção e reconstrução da imagem social do bairro, possibilitou que os grupos pudessem, de certa forma, lutar cada vez mais pela exposição de suas ações para o público de maneira geral.

“Antigamente parecia que era uma competição, aparecia a gente um dia, no outro dia aparecia um morto lá atrás. Ai a gente foi lutando, e fazia tudo que era entrevista pra gente mostrar que o Matadouro não era o que as pessoas tanto falavam. Têm entrevistas que fazem com a gente que a gente nem sabe de onde é” (A. P. 13 anos).

Desta maneira, Peixinhos passa a ser melhor visto não só pelas pessoas ‘de fora’ (de outros bairros), que começam a conhecer um ‘novo’ bairro, mas também por esses próprios jovens, que passam a ter orgulho do local em que vivem.

“Antigamente Peixinhos era só bairro de criminalidade. Agora o bairro de Peixinhos é só Cultura, Maracatu, Afoxé, Majê Molê, Gazela Negra. É difícil passar um morto agora nas páginas dos jornais. Agora eu tenho orgulho. Quando perguntam onde eu moro, eu digo que moro em Peixinhos, nem digo que moro em Olinda, digo: ‘moro em Peixinhos’” (C.S. 15 anos).

O principal motivo de orgulho do bairro passa a ser a diversidade cultural encontrada no local. Os jovens entrevistados se sentem parte integrante dessa multiplicidade de grupos culturais, o que faz com que o sentimento de pertencimento à comunidade seja ainda mais significativo para a formação de suas identidades.

“Eu não me vejo morando fora de Peixinhos. Eu acho que é um bairro que tem uma potencialidade muito grande, tem muitos grupos culturais”(R.S. 27 anos).

“Morar em Peixinhos é muito agitado. É uma diversidade muito grande de linguagem e de cultura” (D.O. 21 anos).

“Essa rua que eu moro é a rua dos artistas, todo mundo conhece todo mundo. Aqui do lado tem os meninos do Samba Popular, lá na frente é o cantor de brega, Barbosa, e aqui é o Majê Molê” (S. S. 15 anos).

No entanto, como tem sido destacado ao longo desse capítulo, o próprio “orgulho” por morar no bairro surge da relação entre imagens da mídia e o discurso desses jovens. Como já foi apontado anteriormente, a “disputa” entre duas imagens concorrentes do bairro é utilizada para ressaltar e/ou esconder elementos da realidade social do bairro na formação de um discurso, cujo fim parece ser não a representação do bairro *em si*, mas a legitimação de suas próprias ações.

Sobre o poder da mídia para a construção de uma imagem social do jovens e suas ações, Silva (1999) trabalhou sobre a criação de categorias sociais a partir da observação de um caderno (*Folha Teen*) do jornal Folha de São Paulo. A autora destaca o poder da mídia em construir modelos de comportamento, que por sua vez, são elaborados a partir de visões muitas vezes estereotipadas, ou mesmo homogeneizadoras da realidade social. Segundo ela, as imagens veiculadas pela mídia, sob a forma de ‘notícias’, consistem num

modelo particular de representação da realidade, que é apresentado para o público. Ou seja, aquilo que a mídia apresenta como sendo ‘a realidade’, nada mais é do que a sua visão a respeito dos fatos, mas que tem o poder de influenciar a percepção do público sobre estes mesmos fatos. Este ponto levanta a questão (anteriormente mencionada) da suposta ‘neutralidade’ com que a mídia apresenta suas versões. No depoimento a seguir percebe-se que a própria escolha sobre ‘o quê’ noticiar faz parte do caráter, na verdade eminentemente parcial, destas versões.

“Uma vez teve um recital aqui. Aí eu acho que foi a Tribuna, veio fazer uma reportagem pra divulgar o recital. Quando eles chegaram aqui souberam de uma notícia que um cara tinha sido baleado lá do outro lado. Aí desistiram de fazer a matéria com a gente e foram lá. Vamos fazer o quê?” (D. O. 21 anos).

Sobre os elementos envolvidos nesta ‘escolha’ dos aspectos da realidade que devem ser noticiados, Silva (1999: 26) argumenta: “O poder do jornal está na construção que faz dos fatos, na notícia. Em nossos dias, a informação, a notícia, é uma mercadoria. A matéria é tratada de forma sensacionalista, ou seja, quer chamar a atenção, e em conformidade com sua capacidade de interesse, ou de venda” .

Retornando à questão do poder da mídia para a construção de ‘imagens idealizadas’ da realidade, Herschmann (2000) mostra como os meios de comunicação desempenham um papel fundamental na ‘glamourização’ ou ‘demonização’ das expressões culturais dos jovens de periferia nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo⁴⁵. Interessado não apenas na influência da mídia para a formação de opiniões, como uma via de mão única, Herschmann tenta enfatizar também o papel da mídia enquanto *locus* de

negociação entre diferentes grupos sociais. Este elemento em particular constitui o aspecto principal aqui abordado sobre a relação entre os meios de comunicação e o discurso dos jovens estudados. Nesse sentido, antes de querer abordar a ‘produção’ da realidade pela mídia, este trabalho se concentra no uso que atores locais fazem desta “realidade” veiculada, segundo seus próprios interesses, visões, propósitos.

Como foi argumentado, as imagens construídas pela mídia aparecem como elemento constitutivo do discurso da população aqui investigada. Nesse sentido, as imagens do bairro veiculadas pelos meios de comunicação são utilizadas pelos jovens tanto para marcar o caráter ‘violento’ da história do bairro, quanto para enfatizar o papel deles (jovens) na mudança rumo a uma imagem ‘apaziguada’ desta problemática realidade social.

Sobre a relação entre ‘a realidade’ e a ‘representação’ feita dela, é importante ressaltar que a “mudança” (de um bairro violento para um bairro cultural) para os jovens não ocorreu apenas ao nível de uma ‘imagem’. Ou seja, segundo o discurso que eles apresentam, suas ações tiveram um impacto efetivo na transformação da realidade social do bairro (onde o elemento ‘violência’ é ressaltado), e as imagens da mídia são evocadas para ‘ilustrar’ esta mudança, como se refletissem aspectos da ‘realidade’ em si.

Ao analisar a forma como eles elegem determinados aspectos da realidade do bairro (seja através da mídia ou não) para apresentar as suas ‘versões’ acerca desta realidade, percebe-se o propósito do discurso, a legitimação de suas próprias ações. Neste sentido, alguns aspectos podem ser reconhecidos no conjunto de elementos escolhidos para formar o discurso. Talvez o mais importante destes aspectos seja o fato de que, ‘o

⁴⁵ O autor dedica sua análise basicamente ao Funk e Hip-hop nessas duas cidades.

bairro' (e toda descrição das mudanças ocorridas nele) é representado a partir das transformações ocorridas no antigo Matadouro (hoje Nascedouro), *locus* e *símbolo* de suas ações. Ou seja, de acordo com o discurso, Peixinhos não apenas se 'apresenta' para a cidade 'a partir' da transformação do símbolo maior de seus problemas (o Matadouro), como, em certa medida, Peixinhos 'é', hoje em dia, reflexo do Nascedouro de Cultura.

Nesse sentido, percebe-se a importância que tem, no discurso dos jovens, a veiculação de notícias sobre o bairro nos meios de comunicação de massa. Os jovens criticam a supervalorização dos meios de comunicação no que se refere a caracterização violenta do bairro, mas eles mesmos se utilizam dessa representação para por em contraste com o momento atual que, através de suas ações, mostra o bairro segundo um outro 'rótulo', o de 'bairro cultural'. E ainda, a maneira pela qual estes jovens buscam legitimar seu discurso através do sucesso de suas ações, ocorre pela utilização das notícias agora veiculadas a respeito da diversidade cultural encontrada em Peixinhos.

Como forma de melhor ilustrar esse caráter 'múltiplo' (como uma via de mão dupla) do papel dos meios de comunicação, quando vistos em interação com o público receptor, Herschmann afirma:

“A mídia, portanto, constituir-se-ia em um dos principais cenários do debate contemporâneo; é através dela, de modo geral, que se adquire visibilidade e que se constroem os sentidos de grande parte das práticas culturais. Além disso, a mídia, por um lado, reconhecidamente, pode operar no sentido da integração sociocultural de caráter heterogêneo, na qual culturas minoritárias ou locais consigam espaço significativo de expressão(...) Por outro lado, é também nos meios de comunicação de massa que se desenvolve grande parte dos processos de estigmatização ou mesmo criminalização das culturas minoritárias, na medida em que acontecimentos, fatos, rituais e, de forma geral, a “realidade social” ali ganham sentido” (2000: 88).

Ambos os aspectos apontados por Herschmann são observados na interação entre o discurso dos jovens de Peixinhos e as mensagens (notícias, publicidade, imagem) que circulam na mídia sobre o bairro. Tanto o elemento de “estigmatização”, segundo o qual Peixinhos ganhou a fama de ‘bairro violento’, quanto o elemento de “promoção”, ou maior visibilidade, das manifestações culturais da comunidade, estão presentes nesta interação.

A mídia enquanto espaço de ‘negociação’, a partir do ponto de vista do exemplo aqui investigado, serviu tanto, num primeiro momento, para estigmatizar o bairro enquanto um local “perigoso”, “violento”, quanto para promover essa nova imagem de um local de grande efervescência cultural. Em meio a este processo, expressões culturais antes desconhecidas, ou mesmo discriminadas pelos próprios moradores da comunidade, ganharam visibilidade para além do bairro e legitimidade dentro da comunidade.

Neste sentido, foi importante analisar a dinâmica própria com que opera a interação entre o discurso destes jovens e os elementos da mídia. Ou seja, foi possível identificar como eles se utilizaram (e se utilizam) destes elementos para formar o seu discurso, que por sua vez tinha como fim a legitimação das ações por eles engendradas. Assim, o aspecto mais recorrente nos depoimentos foi o da contribuição das suas próprias ações para uma transformação na realidade do bairro. A imagem de “bairro cultural”, hoje comum nos principais jornais da cidade, serve como principal elemento para ‘comprovar’ a efetividade de suas ações para esta mudança.

CONCLUSÃO

Com a intenção principal de compreender como se dá a construção, o aproveitamento, ou a transformação de espaços que sirvam como canal para a participação de jovens na sociedade, buscou-se, primeiramente, levantar questões referentes ao debate atual acerca da ‘juventude’ enquanto uma categoria social. Com isto, viu-se que apesar da dificuldade em delimitar claramente o conceito (‘juventude’) é possível identificar aspectos importantes desta categoria, enquanto elemento analítico, que tem sido importante em pesquisas recentes sobre uma diversidade de problemas sociais.

Em seguida procedeu-se a uma revisão da literatura sobre juventude no Brasil, as principais tendências na abordagem do assunto e a diferença entre as perspectivas recentes e antigos (pioneiros) estudos na área. Neste sentido é que buscou-se enfatizar que devido à importância que tiveram antigos estudos (surgidos durante as décadas de 60 e 70) sobre a juventude estudantil no Brasil, foi sendo construído – não apenas no âmbito acadêmico, mas também como uma visão generalizada – um ‘modelo’ de participação juvenil, que foi sendo utilizado para contrastar a juventude dos dias atuais com a juventude das décadas passadas. O resultado dessa comparação foi a construção de uma imagem bastante negativa da juventude atual, enquanto despolitizada, apática, alienada.

Ao visitar a produção acadêmica recente sobre a juventude urbana no país, percebeu-se que o que realmente marcou a diferença entre a forma de atuar (agir no mundo) do jovem de antes para o jovem de hoje foi uma constelação de mudanças bastante amplas na sociedade como um todo, cujo principal elemento a influenciar a ação da juventude foi o de uma mudança institucional. Ou seja, ocorreu um processo de

enfraquecimento das principais instituições que antes funcionaram como eixos organizadores da identidade juvenil, como as instituições estudantis, por exemplo. Assim, a principal dificuldade enfrentada pela juventude a partir das últimas décadas passou a ser uma ‘falta de espaços’, principalmente considerando-se os limites de classe, que servissem como canal de participação, de ação nas questões de seu tempo.

A falta de espaços de participação deu origem à investigação, por diversos pesquisadores sociais atuais, sobre as atividades desenvolvidas pelos jovens de hoje. Na busca por essas novas modalidades de ação, percebeu-se que expressões artísticas e culturais têm servido como importantes catalisadores de novas ações, que são, em última análise, tentativas de criação de novos espaços de expressão juvenil. Viu-se também que estas novas modalidades de ação e constituição de grupos acaba assumindo um perfil bastante distinto das práticas juvenis tradicionalmente conhecidas. Hoje elas teriam um caráter mais difuso, localizado, de menor porte e alcance, o que acabaria dificultando a tentativa de identificar um discurso ou uma prática única. A juventude hoje se define de maneira plural, diversificada.

Com base nesses elementos buscou-se investigar a atuação de grupos juvenis existentes num bairro de periferia urbana para identificar como se deu a formação desses grupos, seus objetivos, e as conseqüências de suas ações. Analisou-se também as relações que os jovens destes grupos estabeleceram dentro e fora do bairro, com a própria comunidade, com grupos de outras localidades, instituições (nacionais e internacionais) e com o poder público.

Estes elementos foram todos observados a partir de um fato que marcou a história recente do bairro em que vivem, e que teve estes jovens como protagonistas, a ocupação

de um antigo prédio abandonado, apesar de ser parte do conjunto arquitetônico formalmente protegido pelo município, com o objetivo de promover ações culturais dentro da comunidade.

A ocupação do prédio, bem como o uso que foi feito dele, além de alcançar os objetivos iniciais almejados, resultou em mudanças bastante significativas em várias direções. Por um lado, as ações dos grupos conseguiram despertar a atenção do poder público, que passou a ter uma maior presença e interesse no local. A iniciativa dos atores locais de transformar o antigo Matadouro em um Nascedouro de Cultura serviu como elemento importante para que os poderes públicos representados pelo Governo do Estado, Prefeituras de Olinda e Recife, elaborassem um projeto de revitalização do local, atualmente em andamento. Por outro lado, a visibilidade que as ações alcançaram, para além das fronteiras do bairro, contribuiu para conferir legitimidade aos grupos dentro da comunidade, transformando a própria relação que antes se estabelecia entre eles.

E como último aspecto referente às conquistas alcançadas pelas ações destes grupos, identificou-se a mídia como elemento importante na mudança da imagem do bairro, principal mudança reconhecida pelos informantes. Destacou-se a mudança de uma imagem anteriormente negativa, ligada às matérias policiais dos jornais locais para uma imagem positiva, ligada à visibilidade que as expressões culturais do bairro alcançaram na mídia.

Observando este caso específico, os grupos juvenis do bairro de Peixinhos, identificou-se elementos que são comuns à realidade vivida por populações de áreas de periferia urbana em várias outras cidades brasileiras. Como percebido anteriormente na revisão da literatura produzida recentemente no Brasil, a formação de grupos que têm a

cultura como elemento aglutinador para jovens das periferia não é uma especificidade do caso investigado. Além disso, estes grupos servem também como importantes canais de inserção desses jovens num mercado de trabalho – funcionando às vezes como etapa de aprendizado, qualificação – como também um novo espaço, alternativo, de participação na sociedade.

No que diz respeito a uma certa visão negativa sobre o jovem de hoje, como mencionado anteriormente, defende-se que é necessário não apenas mudar as nossas lentes conceituais, para perceber estes ‘novos’ grupos como efetivos canais de participação social, mas também dar voz a este jovem, para poder incluí-lo enquanto ator social ativo, capaz de formular alternativas e propor soluções para problemas sociais. Foi com esta perspectiva que foi possível compreender os jovens aqui investigados como protagonistas de uma mudança importante na comunidade onde eles desenvolvem suas ações. Além disso, perceber a importância que eles dão à imagem construída do bairro em que vivem. Não só as conquistas mais visíveis – como suas ações no bairro e o conseqüente reconhecimento da comunidade e do poder público – foram destacadas por eles, mas principalmente a construção de uma nova imagem mais positiva do bairro, agora ‘cultural’. Esses aspectos só foram apreendidos a partir de uma perspectiva que buscou dar voz aos atores, ouvir seus projetos, suas expectativas, seus anseios, os sentidos que atribuem às suas próprias ações em meio à realidade que os circunda.

Por fim, faz parte de uma mudança na nossa forma de enxergar a atividade dos grupos juvenis de hoje, perceber que as ações desenvolvidas por eles, embora não tendo a questão política como seu elemento principal, às vezes ganham relevância suficiente para colocar questões de interesse público na agenda política. Ou seja, as suas ações, embora

nem sempre resultem de uma participação “engajada”, acabam, não raro, levantando importantes questões políticas. Assim, num momento em que as instituições tradicionais da política passam por uma crise de legitimidade, grupos juvenis que têm nas expressões ‘culturais’ seu principal meio de participação, apresentam sua capacidade de criar novas formas de atuação na sociedade, inclusive mostrando sua capacidade de apresentar propostas para a resolução de problemas sociais.

Bibliografia

ABRAMO, Helena Wendel. (1994) *Cenas Juvenis: Punks e Darks no espetáculo urbano*. São Paulo, Scritta.

_____. (1997). *Considerações Sobre a Tematização Social da Juventude no Brasil*. In: Revista Brasileira de Educação – Edição especial, nº 5 e nº 6, p.25-36.

ARCE, José Manuel Valenzuela. (2000) *Vida de Barro Duro: Cultura Popular Juvenil e Grafite*. Rio de Janeiro, UFRJ.

ARIÉS, Philippe.(1981) *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro. Editora Guanabara.

AUGÉ, Marc.(2001) *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, Papirus.

BARNES, J. A. (1987) Redes Sociais e Processo Político. In. Feldman-Bianco, B. (Org.) *Antropologia das Sociedades Contemporâneas*. São Paulo: Global.

CANCLINI, Néstor Garcia. (1999) *Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 4ª edição. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ.

CECCHETTO, Fátima. (1997) *As Galeras Funk Cariocas: entre o lúdico e o violento*. In: VIANNA, Hermano. (org.) “Galeras Cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais.” Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, p.95-118.

De PAULA, Zuleide (2000) *Peixinhos: Um rio por onde navegam um povo e suas Histórias*. Recife, Bagaço.

DURHAM, Eunice Ribeiro. (1998) *A sociedade vista da periferia*, In: As lutas sociais e a cidade: São Paulo: passado e presente, São Paulo, Paz e Terra, p. 169 – 204.

- FERNANDES, Rubem César. (1994) *Privado Porém Público: O Terceiro Setor na América Latina*. Rio de Janeiro: Relume-Dumara/CIVICUS.
- FONSECA, Eduardo Pacheco de Aquino. (1995) *O Candomblé e a Dança da Vida, Aflição, Cura e Afiliação Religiosa ao Palácio de Yemanjá*. Recife: UFPE. Mestrado em Antropologia Cultural. Orientador: Prof. Roberto Mauro Cortez Motta.
- FORACCHI, Marialice Mencarini. (1972) *A juventude na Sociedade Moderna*. São Paulo, Pioneira/Edusp.
- GIL, Antônio Carlos. (1999) *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 5ª edição. São Paulo: Atlas.
- GUIMARÃES, Eloisa. (1997) *Juventude(s) e Periferia(s) Urbana(s)*. In. Revista Brasileira de Educação. Edição especial, nº 05 e 06, p. 199-208.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. (1999) *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. 6ª edição. Petrópolis: Vozes.
- HERSCHMANN, Micael. (2000) *O Funk e o Hip-Hop invadem a cena*. Rio de Janeiro, UFRJ.
- IANNI, Otávio. (1968) *O Jovem Radical*. In: Sociologia da Juventude, Vol. I. Rio de Janeiro, Zahar.
- LINS, Anilson José Bezerra. (1997) *A Substancia dos Orixás: Alguns aspectos da Cultura Material do Xangô de Pernambuco*. Recife, UFPE Mestrado em Antropologia Cultural. Orientador Prof. Roberto Mauro Cortez Motta.
- MARGULIS, Mario. (org.) (2000) *La Juventud es más que una palabra..* 2ª edição. Buenos Aires: Biblos.
- MARTINS, Luciano. (1979) *A geração AI-5: um ensaio sobre autoritarismo e alienação*. Ensaios de Opinião, vol. II.

- MELUCCI, Alberto. (1997) *Juventude, Tempo e Movimentos Sociais*. In: Revista Brasileira de Educação – Edição especial, nº 5 e nº 6, p.5-14.
- MISCHE, Ann. (1997) *De estudantes a cidadãos: redes de jovens e participação política*. In: Revista Brasileira de Educação – Edição especial, nº 5 e nº 6, p.134-150.
- MOTTA, Roberto Mauro Cortez. (1994) *Transe, Sacrifício, Comunhão e Poder no Xangô de Pernambuco*. Revista de Antropologia V 12, p. 131-142.
- MUXEL, Anne. (1997) *Jovem dos anos noventa*. In: Revista Brasileira de Educação – Edição especial, nº 5 e nº 6, p.151-166.
- NETO, Moisés. (2000) *Chico Science: A Rapsódia Afrocidélica*. Recife: Editora Ilusionistas.
- NOVAES, Regina R. (2000) *Juventude e participação social: apontamentos sobre a reinvenção da política*. In: ABRAMO, H. FREITAS, M. V., SPOSITO, M. (org.) “Juventude em Debate”. São Paulo: Cortez, p.46-69.
- PERALVA, Angelina Teixeira. (1997) *O Jovem como Modelo Cultural*. In: Revista Brasileira de Educação – Edição especial, nº 5 e nº 6, p.15-24.
- SARLO, Beatriz. (2000) *Cenas da Vida Pós-moderna: Intelectuais, Arte e Videocultura na Argentina*. Rio de Janeiro. UFRJ.
- SCHERER-WARREN, Ilse. (1999) *Cidadania sem Fronteiras: ações coletivas na era da globalização*. São Paulo: HUCITEC.
- SILVA, Ana Cristina Teodoro da. (1999) *Juventude de Papel: Representação Juvenil na Imprensa*. Maringá: Eduem.
- SOARES, Paulo Marcondes Ferreira. (1994) *Urbana Legião: Consumo e Contestação no Rock Brasileiro nos anos 80*. Dissertação de Mestrado. PPGS – Programa de Pós-Graduação em Sociologia. UFPE.

SOUTO, Jane. (1997) *Os Outros Lados do Funk Carioca*. In: VIANNA, Hermano. (org.) "Galeras Cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais." Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, p.59-93.

TELES, José. (2000) *Do Frevo Ao Mangubeat*. Rio de Janeiro: Editora 34.

VIANNA, Hermano. (1988) *O mundo funk carioca*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar.

ZALUAR, Alba. (1997) *Gangues, Galeras e Quadrilhas: globalização, juventude e violência*. In: VIANNA, Hermano. (org.) "Galeras Cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais." Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, p.17-57.

ZINN, Maxine Baca. (2001) *Insider Field Research in Minority Communities*. In: EMERSON, Robert M. *Contemporary Field Research: perspectives and formulations*. Los Angeles, University of California Press, p. 159-166.

ANEXO I
Grupos Culturais e artistas de Peixinhos

Artistas Plásticos

Edvalson (Viva)
Ivanildo
Juruna
Marcão
Orlando Nascimento
Reinaldo Michel
Sandro Mendonça

Bandas

Anhuma
Atiaia
Ataque Suicida
Black Time
Cefaléia Titânica
Elefante Verde
Etnia
Lamento Negro
O Clã
Paracelsos de Nylon
RDA (Reflexo da África)
Senhora Gork
Serpente Negra
Via Sat

Cantores

Arlisson “Rossi”
Beto Magrão
Eduardo Silva
Eliel Barbosa
Maurício Batista “Coronel”(ex-vocalista
do Lamento Negro)

Nitinha das Pás
Nido Boto

Capoeiristas

César
Deo Zanolho
Gonha
Manuca
Nen Cangalha
Tonho
Valdir

Grupos de Danças Populares

Comunidade Assumindo suas Crianças
Balé Majê Molê
Grupo da Terceira Idade
Daruê Malungo

Grupos de Pagode

Arte Viva
Black Moleque
Borocoxô
Ginga Moleque
Mania de Samba
Samba Popular
Transa Samba

Luthier

Yothon Gomes

Maracatu

Maracatu Leão de Judá
Nação Peixinhos (Axé da Lua)

Mestre de Ogã de Candomblé

João da Ciência

Palhaços

Macarrão (Gera)
Vai e Vem (Joca)

Percussionistas

Bereguedê
Gilmar (Bola Oito)
Gira
Lula
Louro
Maia
Maureliano
Maurício
Marcos Axé
Samuel (Xuxa)
Toca Ogã

Poetas

Agildo
César Monteiro
Caetano Pereira
Oriosvaldo Limeira de Almeida
Moisés

Quadrilhas Juninas

Cravo e Canela

Flor do Jucá
Flor de Abacate
Flor de Cheiro
Paulistana na Roça
Sassaricando na Roça

Repentista

Audália

Sanfoneiros

Lula dos Oito Baixos
Luiz e sua Sanfona

Saxofonistas

José Bezerra da Silva
Nilson Bezerra da Silva

Seresteiros

Èramos Seis

Troças Carnavalescas

As Catraias
O Boi Menino
Pavão Misterioso

Ventríloco

Paulino – Boneco “Benedito”

Xaxedrista

Pai

Fonte:
De Paula (2000)

ANEXO II

PROGRAMA BÁSICO⁴⁶

Atividades Artísticas

- Salão de dança
- Sala para ensaios de música
- Salas para cursos/oficinas de artesanato
- Sala para atividades de reciclagem
- Sala para atividades da 3ª Idade

Centro Social Urbano

- Administração
- Sala para atendimento
- Sala de Reunião
- Salão de cabeleireiro

Serviços

- WC's F/M
- Cantina
- Copa/Cozinha
- Almoxarifado
- Depósito

Área coberta para apresentação/exposição (show, dança, teatro, artesanato)

Biblioteca

Centro de Difusão Tecnológica

- Salas de Capacitação Profissional
- Laboratórios para experimentos de tecnologias de comunicação digital
- Incubadora de empresas
- Museu de Ciência e Tecnologia
- Torre de Observação e Comunicação
- Administração e Gerência

⁴⁶ Fonte: Fundação de Desenvolvimento Municipal, **Projeto de Requalificação do Sítio Histórico do Matadouro de Peixinhos** Recife, 2000

ANEXO III

Peixinhos à espera do seu Nascedouro

Comunidade aguarda ansiosa obras no Matadouro enquanto responsáveis garantem andamento do projeto

Diário de Pernambuco - Caderno VIVER - Domingo 11/05/03

Júlio Cavani
DA EQUIPE DO DIARIO

Nenhum bairro merece ter como principal monumento um lugar soturno como um Matadouro. Peixinhos, comunidade localizada entre Recife e Olinda, não só o teve como prédio imponente durante um século como foi na verdade ocupada por sua população justamente a partir da construção desse fúnebre e sangrento estabelecimento. Agora, 90 anos depois de sua inauguração, o Matadouro Municipal de Peixinhos, desativado e em ruínas desde 1980, pode se tornar um local de desenvolvimento humano e estímulo cultural, com uma grande reforma que vai transformar os galpões em um centro cultural, esportivo, tecnológico e educacional.

O problema é que o projeto, coordenado por Glauco Campello e anunciado no primeiro semestre de 2002, está demorando para sair do papel. Glória Gomes, que orienta as meninas do Balé Afro Majê Molê de Peixinhos desde sua formação, revela que desde o ano passado não ouve falar sobre a reforma e confessa estar desiludida com as promessas. "No começo participamos de reuniões, mas nunca mais vieram aqui. Enquanto isso, novos grupos surgem a cada dia e as necessidades vão aumentando", alerta a professora, lembrando que o Majê Molê é um dos únicos com estrutura de organização eficiente no bairro.

Segundo Bárbara Kreuzig, diretora executiva de desenvolvimento metropolitano da Fidem, a ansiedade dos grupos comunitários é compreensível, mas as obras ainda não podem começar antes de uma fase preliminar de reuniões para se determinar a origem das verbas, a indicação da responsabilidade de cada parte envolvida e a busca por parcerias. Ainda não se sabe, por exemplo, que instância governamental cuidará de cada setor do novo Centro. Ela disse, entretanto, que o processo está em pleno andamento, sendo discutido em reuniões semanais que visam justamente acertar os últimos detalhes para a implementação das reformas.

"Não adianta começar a obra sem saber quem vai se responsabilizar por cada atribuição", explica a diretora. De acordo com ela, pelo menos cinco anos seriam necessários para a conclusão das obras, a partir do início da construção. "O custo também acaba ficando muito elevado por se tratar de uma intervenção em um sítio histórico", complementa, lembrando que o prédio é um patrimônio tombado.

É bom sublinhar que a escolha de Peixinhos para a implantação do projeto é uma justa recompensa para uma comunidade que, apesar de ser uma das mais pobres e violentas de Pernambuco, conseguiu melhorar sua imagem de forma espontânea, com o surgimento de grupos de música e dança (Majê Molê, Lamento Negro, Boca do Lixo), muitos deles voltados para crianças e adolescentes. "Peixinhos tem um grande poder de mobilização, que ajudou muito na elaboração do projeto", confirma o arquiteto Ronaldo L'Amour, que junto com Felipe Campello, foi escolhido para planejar a reforma física do prédio, que está em ruínas. "Toda a planta foi elaborada com consulta aos moradores, que deram sugestões baseadas em suas necessidades." Apesar de insatisfeita com a falta de respostas, ela reconhece a importância do projeto, revelando que hoje em dia os ensaios são feitos em uma única sala do prédio, dividida com outros grupos culturais. "É a maior confusão. Todo mundo quer ensaiar lá e fica arengando, mas fomos nós quem organizamos tudo, limpamos a sala e instalamos geladeira e fogão. Tem que ter muita organização pra funcionar".

Caso saia do papel, o novo Matadouro pode revolucionar a vida da comunidade com a implantação de uma escola de tecnologia, estúdios de gravação de CDs, área para ensaios de dança e música, um museu e um grande teatro fechado para eventos culturais de maior porte. Segundo os arquitetos, no entanto, não há previsão para o início das obras, que pode só acontecer daqui a anos. A reforma faz parte das atividades do programa Prometrópole, do Governo do Estado em parceria com a Fundação Estadual de Desenvolvimento Municipal (Fidem), que prevê a revalorização de toda a área que margeia o Rio Beberibe. A reforma e o novo funcionamento do Matadouro seriam executados em conjunto entre as prefeituras do Recife, Olinda e Governo de Pernambuco.

Os arquitetos foram escolhidos em um processo de licitação que envolveu outros dois escritórios. Campello e L'Amour também são os autores dos projetos arquitetônicos do Túnel Chico Science e da reforma do Cine-Teatro Guarany, em Triunfo. Para o matadouro, eles pretendem manter a estrutura original do prédio, acrescentando elementos contemporâneos apenas em detalhes e no grande telhado de metal que cobre o corredor principal do terreno. De acordo com eles, apesar de as paredes aparentarem péssimo estado de conservação, sua estrutura interna se manteve resistente.

Para entrar em contato com a autora: nivefm@yahoo.com.br